

Eduardo e Mônica

I

Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar. Ficou deitado e viu que horas eram. Cinco e meia da manhã. Virou para o outro lado, pensando em passar mais alguns minutinhos dormindo. Porém, suas aulas começavam às sete e para conseguir uma carona teria que estar pronto para sair às seis em ponto. Detestava aquela coisa de ser escravo do relógio.

Depois dessa profunda reflexão, levantou-se, ainda que não estivesse muito disposto. Não era uma grande novidade que acordasse com preguiça — as longas horas passadas em frente ao computador sempre cobravam seu preço.

Depois do banho — no qual não houve muito esmero —, vestiu o uniforme da escola e pegou a mochila; checkou rapidamente se os livros de que precisaria estavam todos lá, pegou o casaco, o celular e os fones de ouvido. Saiu do quarto já escolhendo uma música.

Apesar de ainda ser cedo, quando chegou à cozinha, onde normalmente faziam a primeira refeição do dia, já encontrou a mesa posta e o café da manhã à sua espera.

— Bom dia — disse. Sua irmã, Maria Eduarda, já estava sentada à mesa, mas apenas acenou e resmungou algo ininteligível, decorrência da boca cheia. Ao contrário do irmão, a moça aparentava uma disposição invejável. Tinha as bochechas coradas, os olhos levemente maquiados, e os cabelos negros presos num rabo-de-cavalo.

— Bom dia, meu amor — era a mãe dele, dona Carmen, que o beijou na testa quando o garoto ocupou seu lugar. — Dormiu bem? — perguntou enquanto apertava a bochecha dele e o olhava com a sobancelha arqueada. Naquele olhar estava implícito o fato de ela saber, e não aprovar, que o filho passava a maior parte da noite acordado, no computador. — Está cheio de olheiras... — censurou, balançando a cabeça.

— Tô bem, mãe. — Ele sorriu, entediado e já começou a comer. Enquanto se servia, ouviu a voz do pai se aproximando.

— ... é um absurdo, meu Deus do céu, esse mundo tá completamente perdido! — Paulo César vinha reclamando. Era um homem alto, um tanto acima do peso, com uma barriga proeminente. Ainda não chegara aos sessenta anos, mas ostentava marcas de uma velhice precoce: a pele enrugada e os cabelos totalmente embranquecidos. Naquele momento, tinha o rosto levemente corado, provavelmente devido ao esforço que era para ele subir e descer as escadas. — Aquilo não é coisa de uma moça de família — continuava esbravejando contra algo desconhecido pela família.

— O que foi que aconteceu, Paulo? — Carmem perguntou tranquilamente. Uma das principais características da mulher era sempre tentar dar importância ao que seu marido dizia. Paulo sentou-se à cabeceira da mesa e esperou que a esposa servisse seu desjejum.

— Eu fui tirar o carro da garagem e essa menina que mora aqui do lado estava chegando em casa. Veja que absurdo, a essa hora da manhã. — Ele balançou a cabeça com verdadeiro pesar.

— Pai, o que o senhor tem a ver com a hora que a menina chega em casa? — Maria Eduarda perguntou, entre divertida e irritada. Achava engraçado confrontar o pai. O homem abanou o ar com um gesto expansivo.

— Se fosse filha minha...

— Exato, se fosse sua filha, mas sua filha sou eu, e eu tô aqui, então não se mete na vida das pessoas, ok?

— Eu não estou me metendo, Maria Eduarda, apenas comentando.

Eduardo apenas escutava a conversa, ou partes dela, afinal, estava ouvindo sua música e quase não conseguia evitar balançar a cabeça e murmurar a letra da canção do *Mumford and Son's*, sua banda favorita do momento. Não era a primeira vez que Paulo César mostrava-se indignado com o comportamento de certos jovens. Em geral ele costumava achar a juventude muito problemática e sem a menor noção de respeito e essas coisas — com exceção, talvez, de seus próprios filhos. Tampouco era a primeira vez que sua irmã rebatia alguma opinião dele. Aquilo era tão comum em sua família que não merecia muito de sua atenção. Enquanto Maria Eduarda tinha paciência de discutir as ideias retrógradadas dos pais, ele preferia apenas sorrir e acenar.

— Eduardo, tire esses negócios dos ouvidos! — Havia ficado momentaneamente perdido na música e quase não se deu conta de que o pai falava com ele. Obediente, retirou os fones e os guardou na mochila. Há tempos tinha aprendido que insistir em algo que aborrecia Paulo era apenas criar aborrecimentos para si. — Você não acha que já tá na hora de cortar esse cabelo? — O garoto abriu a boca, mas por um instante, não soube o que responder. Como que por instinto, passou a mão nos cabelos, que a bem da verdade, estavam mesmo um pouco compridos, já chegando quase nos ombros. — Você precisa acordar pra vida, meu filho, você não é mais criança.

Não sabia de onde aquilo surgira, mas as conversas com o pai em geral eram assim, surgiam do nada. Paulo César gostava muito de falar e pouco de ouvir.

— Hoje eu posso sair mais cedo e levar você pra cortar. — Para Eduardo, isso contrariava a ideia de que seu pai queria que ele deixasse de ser criança, no entanto, se viu assentindo, incapaz de encontrar uma justificativa plausível para recusar. Às vezes sentia-se realmente um pouco infantil por sempre obedecer sem questionar, mas acreditava sinceramente que seus pais apenas queriam seu bem, como diziam tantas vezes.

De repente, Paulo voltou a conversar com a filha mais velha. O fato de Maria Eduarda estar quase terminando a faculdade e já trabalhar na mesma área que o pai — que era advogado — os deixava mais próximos, apesar de todas as discussões. Assim, Eduardo pôde retornar ao seu próprio mundo de pensamentos e deixá-los falando sobre política. Terminou de tomar o café em silêncio, depois pediu licença e foi logo para fora.

Paulo havia tirado o carro da garagem e estacionado na frente da casa. Era uma espécie de ritual e também uma maneira eficaz de saber o que estava acontecendo na rua. Eduardo ficou encostado no SUV preto e olhou para a casa ao lado. O jardim de lá estava com a grama alta e havia uma quantidade considerável de folhas secas no chão. A cortina da sala estava aberta e ele viu uma pessoa se movimentando lá dentro. Distinguiu uma silhueta esguia, aparentemente uma menina, um pouco baixa, cabelos na altura dos ombros. Perguntou-se se seria a garota de quem seu pai falara. Não sabia muito sobre os moradores da casa vizinha, ou melhor, moradoras, pensava já ter visto umas quinze garotas diferentes entrar ou sair daquela casa. Às vezes estava acordado de madrugada e as ouvia chegar e de vez em quando, alguém gostava de ouvir algum CD do *One Direction*. O vulto apareceu novamente na janela, dessa vez para fechar as cortinas. Pelo visto, aquela pessoa tinha a rotina de um vampiro, Eduardo pensou, com bom humor.

Não demorou muito para que Paulo e Eduarda saíssem de casa. Seu pai vestira o paletó, que devido ao excesso de peso, não tinha um bom caimento. A irmã, por outro lado, usava uma blusa branca de manga longa, calça social preta e sandálias de salto alto, desfilando elegância e desenvoltura em plena seis horas da manhã. Por mais de uma vez, Eduardo já havia se perguntado como era possível que de um mesmo casal tivessem nascido duas pessoas tão diametralmente opostas como ele e a irmã.

— Acorda, Dudu — ela apertou a bochecha do irmão, enquanto contornava o carro para assumir o lugar do motorista. Houve a costumeira discussão para saber quem iria dirigir e novamente Eduarda venceu. Ela costumava alegar que não queria que o pai ficasse estressado e não havia nada mais estressante do que o trânsito. Hipertenso e vítima de um infarto antes dos cinquenta anos, Paulo não tinha argumentos contra isso.

Eduardo se sentou no banco de trás e passou a viagem toda quieto. Dessa vez seu pai não disse nada quando ele recolocou os fones nos ouvidos. O trânsito, já caótico àquela hora da manhã, fazia sua irmã reclamar e falar pelos cotovelos. Ela ficava praguejando e dizendo para o pai ficar calmo — o que, na opinião de Eduardo, não era a maneira mais eficaz de tranquilizar uma pessoa. O garoto, por outro lado, pôde até dar um cochilo durante o tempo que levou para chegar à escola.

— Não esqueça de ir direto pra casa quando sair. — Já estava quase babando quando a voz de barítono do pai o acordou. — Dudu? Meu filho, preste um pouco de atenção no que tá acontecendo! Você só vive com esses negócios nos ouvidos... — Eduardo rolou os olhos, entediado.

— Tudo bem, pai, tenho que ir — foi dizendo enquanto saltava do carro. Deu um aceno rápido antes de caminhar em direção à entrada da escola.

Cursava o terceiro ano do ensino médio e pretendia entrar no curso de engenharia mecatrônica. Sabia que esse não era exatamente o plano de seus pais. Se alguém perguntasse a Paulo e Carmem o que eles desejavam para a futura profissão do filho, medicina e direito certamente apareceriam entre as opções. Mas Eduardo não sofria por antecipação. A conversa definitiva sobre o que iria fazer na faculdade ainda não tinha acontecido e quando fosse a hora, ele apenas diria aos pais que não sentia vontade alguma de ser médico — ou advogado — e infelizmente, não poderia perpetuar o legado da família. Isso, no entanto, era preocupação para depois. O futuro ainda lhe parecia distante o bastante para que se preocupasse com a aula de matemática e a maratona de *Jessica Jones* que precisava fazer.

— Ei, mané! — sentiu a mão espalmada em suas costas antes que visse a pessoa dona da mão. Douglas não era seu único amigo, mas era o que ele conhecia há mais tempo. Estudavam juntos desde a primeira série e às vezes era como se fossem irmãos, inclusive na questão de brigarem por bobagens. — Você me largou sozinho no meio da *quest*! — reclamou.

Eduardo olhou para o amigo com o cenho franzido. Se ele não tinha dormido bem, Douglas parecia ter vindo direto de uma balada para a escola. Tinha os cabelos despenteados, o uniforme todo amarrotado e os olhos vermelhos.

— Eu tinha que dormir, viado, coisa que você deveria ter feito também. — Douglas deu uma de suas risadas exageradas. Ele sempre ria de maneira expansiva, como se qualquer coisa fosse a piada mais engraçada do mundo.

— Eram cinco horas quando eu fui dormir, daí não deu mais tempo.

— Cê tá fedendo, cara! — Empurrou a mão do amigo do seu ombro. Douglas não se fez de rogado. — Depois não sabe por que nenhum cara que ficar com você.

— Como se você pegasse muita gente! Ridículo.

— BV. — Douglas encolheu os ombros. Daquele ponto não tinha mais como dar uma resposta à altura. Ele podia ser mais bonito, mais inteligente e engraçado, mas quando se falava de beijo (de língua) Eduardo estava na frente. Os dois foram andando em direção à sala de aula; de repente, Douglas bateu na testa, como se a lembrar de algo de vital importância.

— O que você vai fazer na sexta à noite? — perguntou. Eduardo não precisou pensar muito antes de responder.

— Maratona de *Jessica Jones*.

— Isso poderia esperar para o sábado?
— Não, por quê? Eu já deveria ter visto desde que saiu, né? — Mas estivera ocupado com algumas coisas da escola.
— Ah, é *que tem uma festa legal e a gente quer se divertir*, certo?
— Que tipo de festa?
— Hm, é o niver de uma amiga do meu irmão, ele disse que a gente pode ir, de boas. — Eduardo coçou a cabeça, em dúvida. Não ia a muitas festas. Primeiro porque seus pais eram um tanto super protetores e quase nunca o deixavam sair. Segundo porque ele mesmo não gostava de música alta e pessoas demais no mesmo local.
— *Festa estranha, com gente esquisita?* — provocou. Pensou em Jessica Jones e nas críticas positivas que tinha lido sobre a série. — Eu teria que falar com meus pais, não sei se eles vão deixar.
— Humpf! — Eduardo deu de ombros. Seu amigo podia ter liberdade para fazer qualquer coisa, já que seu único adulto responsável era o irmão, mas ele ainda devia satisfação aos pais e não via problema, nem gostaria de criar caso só para poder beber uma ou duas cervejas. — Você vai ter que cortar o cordão umbilical em algum momento, *Dudu*.
Eduardo deixou a questão em aberto. Pensaria no assunto, ainda teria três dias para resolver, afinal.

II

Mônica olhou com desânimo para a pilha de livros em cima da cama. Já estava na quinta caneca de café daquela manhã, mas ainda sentia tanto sono que parecia que não dormia há mais de um mês. De quem tinha sido mesmo a ideia de sair em plena terça-feira e por que ela havia topado quando sabia que teria uma prova na tarde seguinte? Em todo caso, não teria ninguém, além de si mesma, para culpar pelo grande fiasco que seria a maldita prova.

Apanhou um grosso volume de Anatomia e levou para a sala. Usaria o que lhe restava de vergonha na cara para estudar um pouco. Deixou o livro pesado em cima da escrivaninha e voltou à cozinha para encher a caneca mais uma vez.

— Você voltou tarde ontem — Camila comentou. Era uma das três colegas com quem dividia a casa. As outras duas estavam dormindo. Diferente de Mônica, Camila parecia bastante disposta, já tinha até lavado os cabelos.

— A galera se empolgou, sabe como é... — Pegou o bule na máquina e encheu a caneca. — Ai, caramba, nunca mais vou beber. É sério. — Camila riu, porque não era a primeira vez que ouvia aquela promessa.

— Toma um Engov, amiga — sugeriu, sem evitar rir da cara feia de Mônica. — Você deveria dormir um pouco.

— É, mas tem prova mais tarde.

— Eu não sei como você consegue passar a noite sem dormir e ainda ter força pra estudar, cara. — Mônica também não sabia, mas não era como se tivesse escolha. — Seu corpo já deve estar adaptado a poucas horas de sono — considerou. — Bom, eu vou indo nessa. Escuta, vou passar no mercado depois que sair da facu hoje, você quer alguma coisa?

— Hum, sorvete e umas barrinhas de cereal. — Tudo a ver, pensou Camila. — Peraí que eu vou ver se tem dinheiro na minha bolsa pra ajudar com as compras. — Mônica foi para a sala e procurou a bolsa, tinha a deixado jogada em cima do sofá. Abriu a carteira e arqueou a sobancelha ao constatar que suas reservas estavam quase zeradas. Pegou uma nota de vinte e uma de dez reais. — Isso é tudo no momento, pelo visto vou ter que pedir socorro pro pai esse mês.

— Não precisa... — Camila começou, mas a colega empurrou o dinheiro para ela mesmo assim. — É sério, Mônica, não precisa.

— Claro que precisa! A gente já mora de graça na sua casa, amora, não é justo que você pague as contas sozinha. Aliás, devia acordar aquelas duas lá e mandar que elas abram os bolsos, já que tem gente gastando duzentos reais numa bolsinha, que nem bonita é. — Camila riu. A insinuação pouco discreta fora direcionada à Bruna, que por coincidência, vinha entrando na sala, ainda de pijama, com os cabelos assanhados e coçando os olhos.

— Tem gente querendo dormir aqui, Mônica. E eu ouvi isso aí, sua faladeira. Minha bolsa é linda. Bom dia, meu amor! — Bruna abraçou Camila, apertando-a junto a si e deu um beijo na bochecha dela. — Compra uns negocinhos light pra mim, sim?

— Como tem gente folgada nesse mundo, não é mesmo?

Camila apenas se divertia com as duas amigas trocando farpas. Quem visse de fora, poderia pensar que Mônica e Bruna se detestavam, mas a verdade era que as duas eram unha e carne, apesar da enorme diferença de personalidades.

— Enquanto vocês brigam, eu vou indo embora, porque o dia promete. Vejo vocês mais tarde, e não esqueçam de verificar se a Isadora tá viva. — Enquanto Mônica podia passar noites inteiras sem dormir, Isadora poderia passar vinte e quatro horas seguidas dormindo se ninguém a perturbasse. — Beijinhos, lindocas. — Pegou a chave do carro em cima da mesinha e saiu.

Bruna se sentou no sofá e estirou as pernas compridas, colocando-as em cima da mesa de centro. Bocejou e se espreguiçou.

— Não tem aula hoje? — Mônica perguntou.

— Só à tarde. — Fechou os olhos, considerando seriamente a possibilidade de voltar a dormir. Infelizmente, também tinha que estudar. — Escuta, você ficou com alguém ontem?

— Quê? Não. — Mônica deu de ombros, e tentou concentrar sua atenção no livro. A claridade proporcionada pela cortina aberta, no entanto, a incomodava deveras. Ela se levantou para ir fechá-la.

— Quer dizer que você passou a noite na farra e não pegou ninguém? Patética. — Mônica simplesmente ignorou o comentário. Fechou a cortina, mas antes disso, reparou no garoto da casa vizinha encarando sua janela.

— Cara, esses vizinhos são estranhos. Quando eu cheguei o tiozinho estava na calçada e ficou me olhando de um jeito esquisito. E agora é o moleque quem tá espiando. Credo!

— Ah, esse garoto é um doce, outro dia ele me ajudou a retirar as compras do carro. Sem falar que ele é muito bonitinho.

— Bruna, presta atenção, o moleque deve ter doze anos! — Bruna deu uma risada.

— Eu só falei que ele é bonitinho! Depois eu é que tenho a mente suja.

Mônica voltou para sua mesa de estudos. Tentou se concentrar, tomou alguns goles do café, leu um pouco, mas a ressaca sempre cobrava seu preço, e não demorou até que o sono a venceu e ela deixou a cabeça tombar em cima do livro. Bruna não a chamou, apesar de saber que a amiga teria prova mais tarde naquele mesmo dia. Acontece que, embora Mônica não percebesse, ela ficava terrivelmente mal-humorada quando alguém a acordava. Além disso, aquele soninho a ajudaria mais do que ir para a faculdade parecendo um zumbi.

Era quase meio-dia quando acordou da sonequinha. A posição desconfortável lhe rendeu uma dor nas costas, e tinha marcas no rosto por tê-lo apoiado na espiral do

caderno. Correu para o banheiro para tomar banho e se arrumar. Se não saísse rápido, além de não ter estudado, ainda chegaria atrasada na prova.

Quando passou em frente ao quarto de Isadora, a porta estava entreaberta e não havia ninguém lá dentro, o que significava que sua amiga estava viva. Encontrou Bruna parecendo uma Barbie. Não sabia se ela ia para a aula ou para algum desfile da *São Paulo Fashion Week*. Estava usando um vestido rosa claro curto, sem mangas, com um cinto preto. As pernas longas e perfeitas ficavam totalmente à mostra, e fazia Mônica sentir uma pontada de inveja da altura de sua amiga. Mas tinha que ser feliz com seu 1,57m mesmo, não havia muito o que fazer a respeito disso.

— Quer carona? — Bruna perguntou. Colocou uma mecha do cabelo loiro para trás da orelha e os óculos escuros no rosto. — Vamos? — Mônica bufou, catou os livros e os jogou na mochila de qualquer jeito, enquanto Bruna balançava a cabeça, como se não entendesse o motivo por que ela estava tão irritada. — Deve ser fome — concluiu.

— Por que você não me chamou? — perguntou quando já estavam no carro. Prendeu o cinto de segurança e fez uma prece silenciosa. A tensão de andar com Bruna dirigindo sobrepondo-se a qualquer irritação anterior.

— Você precisava dormir um pouco — respondeu, enquanto olhava no espelho retrovisor, mais para checar se seus cabelos continuavam no lugar do que para ver se a área estava livre para sair.

— Eu tenho uma prova daqui a meia hora e...

— E dormiu mais de quatro horas, sentada, com a cara enfiada nos livros! De qualquer jeito você iria se dar mal, e é melhor ir parecendo gente e não o *cast* de *The Walking Dead*. Além disso, você não iria aprender em uma manhã o que teve dois meses pra aprender. — Mônica resmungou, não tinha como contradizer aquilo. E estava mesmo se sentindo melhor depois de algumas horinhas de sono, apesar da posição pouco propícia. Pelo menos a dor de cabeça tinha diminuído. — Quer ir almoçar antes da aula? — Mônica balançou a cabeça.

— Direto pra facu, por favor. A gente come depois que eu fizer minha prova.

— No RU você quer dizer? Obrigada, mas eu passo.

— Deixa de ser fresca!

— Não tenho culpa por ter um paladar refinado, meu amor.

Menos preocupada em se atrasar, Bruna dirigiu tranquila, enquanto Mônica balançava o pé e a mandava acelerar. Conseguiram chegar à faculdade com cinco minutos de antecedência, o que era um fato digno de comemoração.

A prova de Mônica foi no primeiro tempo e não foi tão ruim quanto ela esperava. A princípio, teve a sensação de que estava lendo alguma coisa em grego. Era como se as palavras não fizessem nenhum sentido. Ficou uns bons dez minutos olhando para a folha de papel à sua frente, perguntando-se o que, por Deus, estava fazendo no curso de medicina, até finalmente recuperar o autocontrole e a calma, para começar a responder a prova.

No fim da tarde, depois que tinha acabado todas as aulas, estava a caminho da biblioteca para devolver alguns livros e pegar outros emprestados, quando ouviu alguém chamar seu nome. Virou-se e deu de cara com Arthur, um dos carinhos do sexto período. Ou talvez do quinto. Não tinha certeza. Eles tinham cursado duas disciplinas juntos no semestre passado e ele meio que se apaixonou por Mônica. O rapaz desceu a escada correndo e a acompanhou, a cumprimentou com dois beijinhos no rosto e depois os dois seguiram andando pelo corredor. Ele fez algumas perguntas sobre como andavam as coisas na turma dela, comentou sobre os professores e como as disciplinas só ficavam mais difíceis à medida que iam chegando na fase final do curso. Mônica ficava um tanto entediada por conversar com Arthur. Ele era legal, até bonito podia-se dizer. Era alto,

moreno, de cabelos pretos repicados, usava em geral uma barba e tinha os olhos azuis. E também era inteligente, mas ela não conseguia vê-lo como algo mais que um mero colega de curso, por isso, achava as tentativas dele de se aproximar um pouco forçadas. Toda aquela conversa sobre a medicina provavelmente levaria a algum convite que ela seria obrigada a recusar.

Depois de muitos rodeios, Arthur, finalmente, entrou no mérito da questão.

— Então, você tá sabendo da festa que vai rolar na sexta? — Mônica abanou a cabeça. — É o niver da Cacá, o Dani alugou o Convento só pra convidados. — Não pôde evitar a surpresa. O Convento era o barzinho preferido da galera da faculdade, não era exatamente um lugar barato e vivia cheio.

— Daniel e seus exibicionismos! — riu. Conhecia Daniel desde o cursinho pré-vestibular e ele sempre tinha sido um grande exibido. — Bom, ele não me convidou, então...

— Se liga, ele tá mandando convite pelo *Facebook*, daí você confirma presença no evento. Já checkou seu *Face* hoje?

— Na verdade, não — foi dizendo e tirando o celular da bolsa para fazer exatamente isso. Conectou-se à rede wi-fi da universidade e entrou no aplicativo. De fato, havia várias notificações e uma delas dizia “Daniel Camargo convidou você para o evento ‘Niver da Cacá’”. — Hm... *Open bar*? O cara tá apaixonado mesmo! — Arthur deu uma risada.

— A única pessoa que não vê isso é a própria Cacá. — Mônica assentiu. Não era novidade que Daniel arrastava uma asa por Cacá, mas em vez de ir direto ao ponto, ficava fazendo essas maluquices para impressionar a garota. Clicou no botão de aceitar o convite. Tinha resolvido parar de beber naquela manhã mesmo, mas uma festa *free* não era algo que pudesse ignorar. — Confirmado. — O rapaz mal conseguiu disfarçar o sorriso.

— Ótimo.

— Eu tenho que entrar na biblioteca agora — disse. Tinham chegado em frente ao prédio. Esperava que Arthur não se oferecesse para acompanhá-la, seria demais até para ele.

— Então a gente se vê.

— *Bye bye!* — acenou e entrou no hall da biblioteca.

Ficou estudando até quase oito horas da noite, então lembrou que nem ao menos tinha almoçado naquele dia. Guardou os livros e enquanto corria para a parada de ônibus, telefonou para as amigas para saber se alguma delas ainda estava no *campus*, mas Bruna disse que Camila havia comprado comida e Isadora estava preparando uma lasanha, então era melhor ela correr, antes que acabasse.

E foi exatamente isso que Mônica fez. Correu para a o ponto de ônibus e teve a sorte de conseguir pegar um depois de esperar apenas cinco minutos. A sorte, infelizmente, durou pouco e quando saltou na parada perto de casa, começou a cair uma chuva, o que a fez xingar muito o clima maluco daquela cidade. Quando terminou de percorrer os metros que faltavam até sua residência, estava encharcada. Só largou a mochila em cima do sofá e foi até o quarto vestir uma roupa seca, depois encontrou as amigas na cozinha. De fato, Isadora estava fazendo o jantar e o cheiro era ótimo.

— Que cheiro de cachorro molhado é esse, hein? — Bruna provocou. — Como foi sua prova, zangado?

— Mas que garota chata! — Ela tentava ficar brava, mas amava demais aquelas garotas para levar a sério as bobagens. — Vocês estão sabendo da festa de aniversário da Cacá?

— Que o Daniel vai fechar o Convento? — Camila retrucou. — Todo mundo sabe disso.

— E por que ninguém me contou antes? Eu tive que ficar sabendo pelo Arthur!

— Porque você nunca está em casa e não olha suas notificações no *face*? Deve ser por isso. Mas que conversa é essa de Arthur, gente? Ele ainda não desistiu?

— Ele é tão... seria melhor se ele dissesse logo o que quer porque daí eu poderia dar o fora nele sem me sentir culpada.

— Ou você bem que poderia deixar de ser malvada e dar uma chance ao cara — Isadora deu sua opinião pela primeira vez na conversa enquanto colocava a travessa de lasanha na mesa. — Qual o problema com ele, afinal? Por que ele não é bom o bastante?

— Não se trata de ser bom um ruim, Isa, é só que não rola química.

— Sei... só acho que quem escolhe muito acaba sozinha.

Assim, a conversa se estendeu por horas. As garotas jantaram, depois limparam a cozinha e não faltava assunto. Uma coisa levava a outra, mesmo que todas tivessem matéria pendente para estudar.

III

Eduardo ainda estava considerando se tinha sido realmente uma boa ideia ir àquela festa. Em primeiro lugar, mentira para os pais. Tinha dito que era o aniversário de uma menina da escola, logo, haveria pessoas da sua idade e pais no local. Se tivesse dito que a festa seria num bar frequentado majoritariamente por universitários, eles não o teriam deixado sair. Mas esse nem era o maior problema, havia poucas chances de Paulo César descobrir que o filho estivera ali. A questão era que ele e Douglas fariam papel de trouxa numa festa cheia de pessoas mais velhas.

Quando o táxi parou em frente ao Convento, teve vontade de pedir ao motorista para dar meia volta e levá-lo para casa. Ainda não era tarde para começar a ver *Jessica Jones*. Douglas, no entanto, tratou de dissuadi-lo da ideia. Pagaram a corrida e desceram do carro. Quando estavam quase na porta, um segurança parrudão postou-se na frente deles.

— Desculpe, meninos, o Convento hoje está disponível apenas para convidados — disse o homem, com uma voz razoavelmente simpática.

— Aham, nós somos convidados — Douglas respondeu, cheio de confiança, algo que faltava em Eduardo, que já estava pronto para aceitar ser barrado e ir embora.

— Tudo bem, então. Vocês têm suas carteiras de identidade aí? — Os dois garotos se entreolharam. Não tinha nada demais em mostrar a identidade, no máximo o segurança diria era que eles não iam poder comprar bebida. Já estavam prestes a colocar a mão no bolso para pegar o documento quando o irmão de Douglas apareceu na porta.

— Tá ok, cara, pode deixar os dois entrarem — Daniel falou. — Ah, me dá duas dessas — ele pegou duas das pulseiras verdes que estavam no bolso do segurança e entregou-as aos meninos. — Tentem não ficar bêbados, ok?

— Vou tentar — Douglas respondeu, feliz da vida, enquanto colocava a pulseira.

— Tô falando sério, moleque. Divirtam-se — Daniel deu uma tapinha amistosa na cabeça do irmão antes de deixá-los.

Os dois ficaram realmente um pouco deslocados. Douglas ainda conhecia alguns dos amigos do irmão, mas Eduardo não conhecia ninguém, nem mesmo a aniversariante. Ainda não havia muitas pessoas no local, de modo que puderam circular com relativa tranquilidade, apenas observando. Depois de alguns minutos, foram até o bar pegar alguma coisa para beber. Eduardo hesitou, não era porque tinha aquela pulseira que ia realmente beber. Paulo o mataria quando descobrisse.

— Só um refri de laranja, por favor — pediu. O barman deu um sorrisinho torto para ele e Douglas balançou a cabeça.

— Cara, esquece o refri. Duas cervejas — disse, acenando com os dedos para ilustrar seu pedido.

— Para, eu não vou beber, Douglas. Meu pai me mata.

— Só se ele ficar sabendo. Além disso, é apenas uma cerveja, ninguém morre por causa disso e aumenta nossas chances de pegar alguém, cê sabe, ajuda a diminuir a tensão e tal. — O barman colocou duas garrafas em cima do balcão. Eduardo pensou por instante, mas acabou pegando uma. Abriu e tomou um gole. A bebida tinha um gosto estranho, devido à falta de costume e precisou de um segundo e terceiro goles para se acostumar à sensação.

— Não sei se você percebeu, mas nós não temos chance alguma pra aumentar, Douglas. Ou você acha mesmo que algum dos amigos do seu irmão vai te dar bola? — Douglas deu de ombros.

— Ninguém precisa saber que a gente ainda está no colégio, é só fingir que faz algum curso, sei lá...

Mas Eduardo já tinha contado sua cota de mentiras da noite e não iria fingir coisa nenhuma. Ficou por ali, bebericando sua cerveja, olhando em volta, pensando que, se estivesse em casa, já teria assistido uns três episódios de Jessica Jones ou subido de nível no RPG que estava jogando.

Por volta da meia-noite, a aniversariante chegou. Mas não houve parabéns, bolo ou qualquer coisa que remetesse aos aniversários que ele costumava ir quando era menor. Houve apenas mais gente chegando, mais barulho, música alta e pessoas conversando aos gritos, dançando e se beijando. Eduardo não tinha nada contra quem fazia qualquer dessas coisas, mas sentia-se sufocado. *Estava meio tonto e só pensava em ir pra casa.* Até Douglas desapareceu por um tempo, deixando-o sozinho e ainda mais entediado.

— Eu vou matar aquele viado... — murmurou, mas não baixo o suficiente para que a pessoa que estava sentada no bar ao seu lado não o ouvisse. A garota olhou para ele de cara feia, e Eduardo engoliu em seco. Ele chamava Douglas de “viado” com todo o carinho do mundo, não havia nada de homofobia no dizer. — Não é nada disso... — começou a se explicar, porém percebeu que não devia explicação a alguém que nem sequer conhecia. — Deixa pra lá. — Levantou-se da banquetta onde estava e decidiu ir procurar o amigo para dizer que iria embora. Se Douglas quisesse ficar era problema dele.

Andou com certa dificuldade entre as pessoas. Levou alguns empurrões e empurrou também. Já estava prestes a desistir quando Douglas praticamente se materializou à sua frente.

— Onde você tava, bicha? — Douglas o segurou pelos ombros, olhando-o tão sério que o deixou preocupado. — O que foi, cara? Fala de uma vez, pô!

— Eu conheci um cara e acho que ele pode estar a fim de mim.

— Ok... — Arqueou a sobrancelha, sem entender a expressão de quase desespero do amigo. — Isso é uma coisa boa, não é?

— Sim — o outro choramingou, sem a menor sombra de certeza na voz. — Mas ele é bom demais pra ser verdade. Acho que você tem que ajudar.

— Cê tá brincando, não é?

— Ele foi super legal, conversou comigo, riu e até me ofereceu uma bebida, mas eu não aceitei porque sou trouxa, mas não aceito bebida de estranho e tal... E ele é, tipo, muito bonito. Olha só, ele tá no bar — apontou para o lugar mencionado. Eduardo virou a cabeça e viu muitas pessoas no perto do bar. — É o de camisa azul. — O rapaz estava de costas, então não pôde julgar a aparência dele. — Você tem que ir lá falar com ele.

— Quê? Você tá maluco?

— Você tem que me ajudar, Eduardo, você é ou não meu amigo? Vai lá e fala com ele, puxa conversa, vê se ele realmente é do meu time.

— Não, não... — tentou se esquivar desse favor indecente, mas Douglas já estava empurrando-o. Antes que chegasse ao bar, no entanto, esbarrou numa pessoa. Só sentiu o frio quando a bebida gelada o atingiu.

— Poxa vida, cara! — Quando ergueu os olhos, reconheceu a garota que o olhava com cara feia antes.

— Desculpa... — gaguejou.

— Eu é que peço desculpas, derramei tudo na sua roupa.

— Não, tá tudo bem — mentiu com dignidade, apesar do incômodo que era ter a roupa molhada, sem mencionar o cheiro de álcool. Não precisaria nem entrar em casa para seus pais saberem que havia bebido, sentiriam o odor de longe. Olhou para o bar e sentiu alívio por ver que o pretendente de Douglas tinha desaparecido. Adoraria ajudar o amigo, mas havia certos micos que não poderia pagar.

— Espera, eu não te conheço? — a garota perguntou. Eduardo piscou, confuso, tentando lembrar se a conhecia, mas nada lhe veio à mente, então ele apenas balançou a cabeça. — Hm, é que você me parece familiar... que curso você faz? — franziu o cenho, estranhando que ela presumisse que ele fazia faculdade, mas pensando na melhor mentira que poderia contar. Já que estava numa festa e tinha uma menina bonita falando com ele, que mal fazia tentar alguma coisa? — Ah, não, espera, você não é meu vizinho? — ela retornou com a pergunta antes que o cérebro dele conseguisse montar um bom roteiro.

— Sou? — De todas as prováveis quinze garotas que moravam na casa ao lado, ele lembrava de uma loira de quase dois metros de altura, de uma morena de cabelos cacheados, mas nunca tinha visto a do cabelo azul. — Bom, se você diz. — A garota riu.

— Acho que é sim; às vezes eu vejo você saindo de casa de manhã com o seu pai e sua irmã, no SUV preto. — Eduardo tentou encontrar alguma coisa para dizer, mas não conseguiu pensar em nada. Limitou-se a balançar a cabeça em concordância. — Ah, a propósito, eu sou Mônica.

— Eduardo. Então, você conhece o Daniel? — Ela assentiu. — Que mundo pequeno.

— Hum?

— Ele é irmão do meu melhor amigo.

— Legal. — Deu um sorriso amarelo e Eduardo sentiu que perderia qualquer chance que poderia vir a ter se não fizesse alguma coisa rápido.

— Posso pegar uma bebida pra você? Pra compensar a que derramou...

— Tudo bem. Traz um uísque com coca e muito gelo. Eu vou sentar bem ali — apontou para uma mesa milagrosamente desocupada. — Esse salto está me matando.

Eduardo foi até o bar e pegou as bebidas. Tomou logo um gole da sua e fez careta. Aquilo era forte demais. Olhou em volta, à procura de Douglas, mas não o encontrou. Bem, talvez ele tivesse reencontrado o carinha e se entendido com ele mesmo sem a sua ajuda. Assim esperava. Passou com todo cuidado no meio da muvuca, até encontrar a mesa onde Mônica estava.

— Ah, obrigada! — disse ela, e logo que pegou o copo, tomou um gole da bebida. Eduardo sentou e imitou o gesto. O segundo gole desceu melhor do que o primeiro, mas ainda não totalmente à vontade.

Forçou o cérebro a pensar em alguma maneira de levar aquilo adiante. Já tinha assistido tantos filmes e séries, e lido tantos livros que era suposto saber algo sobre paquera. No entanto, podia ver que a prática era totalmente diferente da teoria. Ele só

tivera uma namorada na vida e isso não havia demandado muito esforço de sua parte. Ângela era uma garota que conhecia desde criança, estudavam juntos, faziam os trabalhos em grupo e até frequentavam a mesma igreja. O namoro começou e terminou sem que ele percebesse direito o que estava acontecendo.

— Será que eu estou atrapalhando seus pensamentos, Eduardo? — perguntou e viu o garoto ficar vermelho. Podia ouvir as engrenagens do cérebro dele tentando funcionar.

— Ahm, desculpa, eu me distraí... — Tomou um gole da bebida para disfarçar e quase se engasgou. *Mônica riu e quis saber um pouco mais sobre o boyzinho que tentava impressionar.*

— Mas então, que curso você faz? Eu acho que nunca te vi pelo prédio da escola de saúde... — comentou. A grande maioria das pessoas presentes ali era de medicina ou de algum curso da área médica, e ela conhecia uma boa parte ao menos de nome. Eduardo ainda considerou contar uma mentira, mas detestaria que alguém fizesse isso com ele.

— Na verdade, eu ainda tô no ensino médio.

— Ah, é, você comentou que era amigo do irmãozinho do Daniel. — O garoto sentiu um nó estranho no estômago por vê-la usar aquele diminutivo, parecia que zombava dele de alguma forma. Tentou manter sua dignidade intacta.

— E você? — perguntou e aproveitou para tomar mais um gole. Estava começando a gostar.

— Medicina. — Mônica tirou a jaqueta que estava usando, e Eduardo pôde visualizar a tatuagem que tinha no braço dela. Não conseguiu, no entanto, evitar a surpresa. — Gostou? — ela perguntou, virando o rosto para olhar também para a borboleta colorida desenhada em sua pele.

— É linda...

Houve um instante de silêncio que pareceu longo demais. Eduardo se concentrou apenas em colocar o resto do uísque com coca para dentro, e estava certo de que a sua conversa com aquela garota não chegaria a lugar nenhum. Todavia, em algum momento, ele desandou a falar. Talvez o álcool o deixasse mais leve e desinibido, o fato é que não apenas conseguiu abrir a boca, como a manteve entretida com a conversa. Disse coisas engraçadas, a viu sorrir e era um sorriso de encher os olhos. Pegou mais bebida e quando se deu conta, ele mesmo já estava rindo sem motivo.

— Garoto, eu acho que você já bebeu demais — Mônica observou. Embora ela mesma tivesse bebido mais do que ele, ainda não se sentia nem perto da embriaguez. O garoto, por outro lado, parecia prestes a chamar Jesus de Genésio.

— Você deve tá certa — ele concordou, depois pegou o celular no bolso da calça e verificou a hora. — Ai, caramba, *é quase duas, eu vou me ferrar.* Desculpa, eu só... acho que tô um pouquinho bêbado.

— Acho que sim.

— Tenho que encontrar o Douglas e ir pra casa.

— Se você quiser eu posso te dar uma carona, já que moramos na mesma rua, podemos dividir o táxi... — Eduardo riu debilmente e seu último pensamento racional foi o de que Douglas provavelmente estava perdendo a virgindade, caso contrário, não teria desaparecido por tanto tempo. Fez um sinal de positivo com o polegar. — Ok, eu só vou avisar às minhas amigas que já tô indo, tá? Me espera aqui, já volto. — Ele balançou a cabeça, obediente, enquanto Mônica se afastava para procurar as amigas.

Não foi difícil encontrá-las, pois elas estavam a observando já há algum tempo.

— Então, eu já vou indo... — Camila, Bruna e Isadora se entreolharam. Aquilo era cedo demais para os padrões de Mônica. — Alguém vai agora? — As três negaram

balançando a cabeça. — Ok. A gente se vê em casa. — Deu as costas para ir, mas Camila a chamou de volta.

— Mônica, espera. Aquele não é o filho do nosso vizinho?

— É — respondeu com naturalidade.

— E você está indo pra casa? Com ele? — Mônica deu de ombros. — Você não acha que está esquecendo de explicar alguma coisa?

— Ahm? A gente mora na mesma rua, e eu já ia embora de qualquer jeito... vocês não estão achando que... credo! Onde vocês estão com a cabeça?

— Você passou a noite toda com ele.

— Não é minha culpa se a festa tá chata, e eu também queria fugir do Arthur, não aguento ele me rondando — admitiu e isso parecia uma razão plausível para as outras.

— Ok, então tá, tchau. — Retornou ao lugar onde estava antes e encontrou Eduardo falando sozinho. — Vamos?

— Vamos, vamos. — Ela esperou para ver se o garoto tinha equilíbrio suficiente para andar sozinho. Houve certa dificuldade, mas ele conseguiu.

Logo na saída do bar havia um ponto de táxi e não foi difícil pegar um. Com as ruas vazias, a viagem durou a metade do tempo que levaria em horário normal, mas custou o dobro também. Mesmo se sentindo meio grogue, Eduardo conseguiu pegar a carteira e retirar o dinheiro para dividir o pagamento. Depois que o táxi se foi, eles ficaram de pé na calçada da casa de Mônica, sob o frio da madrugada.

— Você tá bem? — ela perguntou. O garoto parecia oscilar e estava um pouco verde. Eduardo inspirou o ar frio e fechou os olhos por um instante.

— Tô legal, mas eu nunca mais vou beber. — Ela riu.

— É uma boa decisão.

Novamente houve silêncio entre eles. Eduardo olhou para ela. Quase vinte e cinco centímetros menor do que ele. Alguns anos mais velha, provavelmente muito mais inteligente. De certo, muita areia para o seu caminhãozinho. No entanto, uma força invisível parecia empurrá-lo. Ainda estava bêbado, claro, mas conseguia pensar com bastante clareza naquele momento. Deu um passo para a frente, colocou a mão no rosto dela e deslizou o polegar pela pele macia. Mônica levou sua mão ao encontro da dele, mas em vez de repelir o gesto, deixou-as juntas, o calor dele a aquecendo. Ele aproximou-se mais, foi inclinando o rosto devagar, esperando talvez apenas pela permissão para continuar. Ela precisou ficar na ponta dos pés para alcançar os lábios dele. Num segundo, estavam se beijando, indiferentes ao frio da madrugada.

IV

A primeira coisa que fez ao acordar foi dar um jeito de levar a roupa suja para lavar antes que sua mãe visse. Por sorte, era sábado, Carmem tinha saído cedo para ir à feira comprar verduras e frutas frescas para o fim de semana e almoço de domingo. Colocou a roupa na máquina e ficou encarando-a, sem saber muito bem o que fazer a seguir. Ouviu um pigarrear e ao se virar, Eduarda estava encostada na porta, de braços cruzados.

— Alguma coisa me diz que você não fez xixi na cama — disse, depois aproximou-se e tomou o lugar dele em frente à máquina. Colocou sabão, alvejante e amaciante em cada compartimento e apertou os botões certos. — Eu vi a hora e o jeito que você chegou em casa, Dudu. — Eduardo tentou se defender, mas a irmã não deixou que ele falasse. — Você tem sorte de o pai dormir feito pedra, garoto. Se ele souber que você chegou bêbado, você sabe que vai apanhar de cinto, não é? — O rapaz baixou a cabeça. Eduarda estava certa. Paulo era um bom pai, mas também era bastante rígido. — Não precisa ficar

com medo, eu não vou contar nada. Mas não fique achando que eu vou dar cobertura da próxima vez, ouviu? — Ele assentiu. — Ah, se te resta alguma noção, vai falar com a garota, porque sair correndo daquele jeito não deve ter deixado uma boa impressão.

Foi como levar um soco no estômago. Já seria ruim demais saber que a irmã tinha ficado espiando pela janela sem que precisasse lembrar de como tinha sido idiota depois de beijar Mônica. Queria poder explicar por que saíra correndo, mas quando pensava em dizer a ela que tinha sentido vontade de vomitar, achava que era melhor ficar com a fama de idiota mesmo.

— Desde quando você arrasta uma asinha pela vizinha? — Eduarda continuava se divertindo com o sofrimento do irmão.

— Eu não... a conheci ontem na festa e... ah, para de me olhar, cara.

— Que gracinha. Mas é sério, você deveria ir falar com ela, porque não foi mesmo legal, sabe? Um pedido de desculpas, por ridículo que seja a situação, não faria mal.

Sabia que sua irmã tinha razão, mas demorou um dia e meio para que tivesse coragem de tocar a campainha da casa de Mônica. Passou o sábado todo assistindo a tão esperada *Jessica Jones* e conversando pelo *WhatsApp* com Douglas, que estava cheio de novidades. No fim da tarde de domingo, seus pais perguntaram se não queria ir para a igreja e ele mentiu, disse que tinha deveres da escola para terminar.

Depois de pensar muito, resolveu ir até lá e se desculpar. Mônica era sua vizinha, eventualmente teria que encontrá-la e quando isso acontecesse, seria melhor que não houvesse nenhum elefante branco entre eles.

Saiu de casa e ficou alguns instantes na calçada, apenas observando. As cortinas estavam fechadas, mas os dois carros estavam na garagem, então havia chances de Mônica estar em casa. Aproximou-se, tocou a campainha e esperou. Quando estava prestes a desistir, a porta foi aberta. Era a morena de cabelo cacheado.

— Oi.

— Oi, ahm, a Mônica está?

— Sim, espera só um instante — ela disse e virou-se para dentro da casa. — Momo, é visita pra você — gritou.

— Quem é? — a voz de Mônica veio lá de dentro.

— Seu namoradinho. — Isso bastou para que Eduardo sentisse vontade de sair correndo de novo, o que só pioraria sua situação, claro. Antes, porém, que suas pernas obedecessem aos comandos do cérebro, viu Mônica aparecer na sala. Ela trocou algumas palavras com a amiga, mas ele não entendeu, estava tenso demais para prestar atenção.

— Oi — disse ela, postando-se na porta, sem parecer disposta a convidá-lo a entrar. Sem as sandálias de salto, usando uma camiseta larga e um short curto, ela parecia ainda mais baixinha.

— Oi. Eu, ahm, queria pedir desculpas por ontem...

— Tá, tudo bem.

— Eu não queria ter feito aquilo, eu só... acho...

— Já falei que não tem problema — afirmou, mas teve dificuldade em disfarçar que estava um pouco irritada.

— Eu sinto muito, mesmo. Não queria ter saído daquela maneira, mas... entenda que o problema não foi com você...

— Eu acho que você não vai querer terminar essa frase... — Mônica sugeriu. Podia até imaginar Camila escondida em algum lugar escutando aquela conversa.

— Mas é sério, eu me senti mal, estava enjoado... eu nunca tinha tomado um porre na vida, e achei melhor ir antes que vomitasse em cima de você. — Mônica abriu a boca, mas percebeu que não tinha palavras. Por fim, ela começou a rir. Não de propósito,

não queria deixar o garoto ainda mais envergonhado, mas não deixava de ser uma situação engraçada.

— Desculpa, eu não tô rindo de você.

— Pode rir, eu mereço.

— Essas coisas acontecem.... Está... está tudo bem, não se preocupa. Olha, eu tenho que estudar, então, se você não se incomoda.

— Não, claro, claro, eu tenho que estudar também... — Ele coçou a cabeça, totalmente sem jeito, apesar de aparentemente ter resolvido as coisas. — Bom, a gente se vê.

O garoto foi embora e Mônica empurrou a porta, fazendo-a bater. Voltou para sua mesa de estudos e mandou que Camila saísse do esconderijo. Sua amiga não se deu ao trabalho de fingir que não ouvira, tampouco de esconder que estava se dobrando de rir.

— Que fofo, gente. — Mônica rolou os olhos. — Pelo menos admita que você gostou de ele ter vindo se desculpar. — Não disse nem que sim, nem que não. Ainda estava confusa com o beijo. Pensava que só beijara Eduardo porque estava bêbada, no entanto, sabia que não era bem assim. Tinha bebido sim, mas estava no controle total de suas faculdades mentais, portanto, tinha discernimento para saber o que queria. Por enquanto, resolveu não dar muito crédito às brincadeiras de Camila e retornar aos livros, tinha muito o que compensar até o fim do semestre. E era uma boa maneira de não pensar no que tinha acontecido.

A semana seguinte passou normal — ou talvez devesse dizer anormal. Em todo caso, Mônica deixou as saídas à noite um pouco de lado e se dedicou a estudar o máximo de tempo que podia. Tinha ligado para os pais para pedir reforço financeiro e ouvira um sermão de horas, e isso deixou sua consciência pesada. Por vários dias, viu apenas o vulto de Eduardo escorado no carro, esperando o pai. O garoto não voltou a procurá-la e ela já estava para considerar a breve história deles como passado. Até o dia que voltaram a se encontrar. Por mero acaso...

Era uma quinta-feira e Mônica saiu mais cedo da faculdade porque teve apenas duas aulas. Decidiu ir para casa e quando estava perto de chegar, começou a chover. Pelo menos naquele dia estava nublado desde cedo. O problema foi que quando procurou as chaves na bolsa, não as encontrou. Ou as tinha perdido, ou deixado dentro de casa quando saíra igual com Bruna. De qualquer forma, teria que esperar que uma das amigas chegasse, mas a chuva estava aumentando, por isso ela foi bater na porta da casa vizinha e pedir abrigo até que alguém chegasse. Foi Eduardo quem abriu a porta e não evitou a surpresa.

— Mônica, o quê...? — começou, mas não demorou a perceber a obviedade da situação. A garota estava encharcada.

— Eu perdi minhas chaves e não tem ninguém casa.

— Entra. — Ela entrou, abraçava o próprio corpo, já tremendo um pouco de frio devido às roupas molhadas. — Fica à vontade, eu vou pegar uma toalha pra você se secar.

— Obrigada. — Ele desapareceu por mais ou menos dois minutos, depois voltou trazendo uma toalha. Ela agradeceu novamente. A chuva continuava caindo forte, ganhando ares de tempestade. — O que vai atrasar ainda mais as garotas. Que péssimo dia pra perder as chaves.

— Tem razão. Basta cair uma chuvinha e a cidade vira um caos. Mas você tá a salvo, é só ter um pouco de paciência. — Silêncio. Pela primeira vez, Mônica considerou que o garoto não voltara a tentar falar com ela porque se sentia envergonhado demais para fazê-lo, e agora ela praticamente impunha sua presença.

— Eu acho melhor ir embora... — disse, de repente, estendendo a toalha de volta para ele.

— Você tá brincando, né? Tá caindo o dilúvio lá fora.

— Mas eu não quero atrapalhar você...

— Não está me atrapalhando, mas pode me ajudar a fazer o dever de casa, se quiser — ele sugeriu, com um sorriso traquino.

— Desde que não seja matemática.

— Biologia. Acho que é a sua praia, não?

Por estranho que fosse convidar uma garota para o seu quarto, Mônica tinha desenvoltura de sobra para os dois. Acabou levando a sério a proposta de ajudá-lo com o dever e, talvez pela primeira vez, Eduardo entendeu o assunto de biologia sem muita dificuldade — aquela era a matéria que ele menos gostava.

Quando Mônica se deu conta, a chuva tinha parado e a noite caído. Telefonou para as amigas, mas ficou sabendo que tanto Camila quanto Bruna continuavam presas no trânsito.

— Quer dizer que eu vou ter que alugar você por mais um tempinho. — Eduardo sorriu. Não estava nem um pouco incomodado com o “aluguel”. — Onde está sua família, por sinal? — ela perguntou enquanto ia dar uma olhada na estante de livros do garoto. Eduardo comentou que o pai e a irmã ainda estavam trabalhando e mãe tinha ido ao médico. — Nossa, adoro essa HQ! — ele quase não entendeu do que ela falava, mas viu que Mônica tinha encontrado a coleção de Sandman e estava folheado o primeiro volume. Apesar de morrer de ciúmes, ele se controlou e apenas ficou surpreso por ter algo tão específico em comum com ela. — Faz tempo que não leio por diversão, cara — disse ela, saudosista. — Agora é só medicina, medicina, argh! — ela fez uma careta. — Não que eu esteja reclamando da faculdade, não é isso, é que sobra tão pouco tempo livre que eu prefiro ficar com os meus amigos... — Ela parou de falar e reparou que o garoto estava sorrindo. Eduardo parecia fascinado pelo som da voz dela, e mais do que isso, gostava de vê-la se sentindo tão à vontade. — Desculpa, quando eu começo a falar...

— Eu gosto de ouvir sua voz, Mônica. — O próprio Eduardo ficou surpreso com as palavras que saíram de sua boca. Conversar com ela quando estava bêbado era uma coisa, tentar paquerar uma garota mais velha estando sóbrio devia ser a maior burrice que tinha feito. Mas depois do mico de dias atrás, não perderia nada em se arriscar um pouco.

Houve um instante de silêncio, depois Mônica voltou a rir. Continuou olhando a estante de livros, comentando vez por outra sobre o bom gosto dele, ora fazendo alguma careta — em especial para aqueles livros que eram adaptações de jogos de videogame. Dos livros passou para os discos e CD's. Ela ficou impressionada com a coleção de vinis, mas o que Eduardo chamava de gosto eclético valeu várias olhadas tortas por parte da garota.

— Que careta foi essa? — Ela estava segurando o disco *12 memories*, do Travis, um dos preferidos de Eduardo. — Você não pode dizer que não gosta!

— Não posso mesmo, porque não conheço. *Indie* não é muito a minha praia.

— E qual é a sua praia? — Ele saltou da cadeira onde estava sentado e foi se encostar na estante, para assim ficar mais perto dela.

— Schubert, Mozart, Vivaldi.

— Hum, e quem escuta *One Direction* na sua casa? — ele arqueou a sobrancelha e Mônica riu.

— Essa seria a Bruna. — Eduardo pegou um CD na estante. Era o mesmo que ela estava segurando.

— Toma, você vai ouvir. Se gostar, pode ficar com ele.

— Você deve gostar pra caramba... — Quis achar uma maneira educada de recusar, mas ele insistiu. Não era apenas um presente aleatório, era uma desculpa para falar com ela de novo. — Tá...

De repente, Eduardo estava tão perto que ela podia se ver refletida nas pupilas dos olhos dele. E, da mesma forma que acontecera naquela noite depois da festa, Mônica sentiu-se incapaz de parar quando ele aproximou os lábios dos seus, quando uma mão dele foi parar em sua cintura e a puxou para mais junto, e a outra estava em sua nuca, correndo entre seus cabelos molhados pela chuva.

O que interrompeu o beijo dessa vez foi o toque do telefone de Mônica. Quando se afastou dele, não estava se sentindo exatamente envergonhada, apenas estranha. Não sabia se pedia desculpas ou fingia que não tinha acontecido.

— Acho melhor você atender... — ele sugeriu, já que o telefone continuava tocando. Mônica o havia deixado em cima da mesinha de estudos dele; pegou o aparelho e recebeu a chamada. Bruna e Isadora já estavam em casa.

— Essa é a minha deixa. — Pegou a mochila e guardou o CD. — Bom, obrigada pela hospitalidade e... ahm, enfim... obrigada. — Ela balançou a cabeça, como se a discordar do próprio comportamento reticente. Deu um sorriso e caminhou em direção à porta.

Eduardo ficou um instante como que paralisado — talvez fosse o efeito do beijo —, mas conseguiu recobrar os sentidos antes que a garota fosse embora.

— Posso ter seu telefone e te convidar pra sair qualquer dia?

V

Eduardo e Mônica trocaram telefone, depois telefonaram e decidiram se encontrar.

Antes ele quis saber o que ela tinha achado do disco e a garota teve que admitir que era legal de ouvir. Além disso, passaram a trocar mensagens quase que o dia inteiro e Eduardo começou a cultivar o hábito de sentar na janela e ficar olhando para a casa vizinha, apesar de o seu quarto ter a vista para o quintal dos fundos de lá.

Embora fossem vizinhos, não se encontravam muito, pois em geral, quando Eduardo saía para a escola, Mônica ainda estava acordada desde a noite anterior. Por esta razão, demorou alguns até conseguirem combinar um horário que estivesse dentro do tempo livre de Mônica e do limite que Eduardo tinha para chegar em casa.

Ele pensou em várias coisas que poderia fazer — até pediu ajuda a Douglas, o que se mostrou um desperdício de tempo, já que seu amigo tinha ainda menos experiência quando o assunto era encontros.

No fim, foi Mônica quem decidiu. Como Eduardo gaguejou um pouco na hora de fazer o convite, ela sugeriu que fossem ao cinema. Uma rede estava reeditando alguns filmes clássicos e ela sugeriu ver *Pulp Fiction* na telona. Ele já havia assistido este filme na TV — não tinha gostado muito, por sinal —, além disso, não tinha idade suficiente para entrar sem os pais. O garoto ficou sem jeito por admitir isso, e mais ainda quando ela começou a rir, sem nem ao menos se dar ao trabalho de disfarçar.

— Desculpa, é que... — Percebeu que ele poderia ficar chateado de verdade. — Ok, então, nada de *Pulp Fiction*. Que mais nós temos aqui? — ela consultou a lista de filmes em exibição naquele horário, arqueando a sobrancelha vez por outra. — *Kill Bill*, que tal? — Eduardo fez uma careta. Por que ela insistia nos filmes de Tarantino, afinal? — Eu adoro esse!

— Sério? — admirou-se. — Pensei que não fizesse muito a sua praia — ironizou.

— Não entendi.

— Deixa pra lá. A gente vai querer duas, por favor — dirigiu-se à atendente. Toda a conversa tinha acontecido já no balcão da bilheteria. Felizmente, não havia ninguém na fila atrás dos dois. A moça apenas sorriu e prosseguiu com a venda.

Eduardo parou para comprar pipoca, depois eles entraram para a sala. Ele não gostava do filme, mas se comportou bem, afinal, o mais importante era que estava com ela. Como Mônica demonstrou um interesse real em prestar atenção à tela, ele se conteve e apenas encostava a mão na dela de vez em quando. Ainda estava confuso sobre o que sentia por Mônica. Sabia apenas que, quanto mais ficava com ela, mais sentia vontade. Era até engraçado como tinha vivido a vida inteira sem conhecê-la e de repente tornara-se tão difícil imaginar como seria sem tê-la. Era como se Mônica estivesse ali, do seu lado, desde sempre.

Esperou, paciente, pelo final do filme. Quando saíram, Mônica comentava, animada — nem parecia que já assistira àquele filme cinco vezes.

— Mas é sempre como se fosse a primeira vez! — disse ela enquanto caminhavam em direção à praça de alimentação.

— Não, sério, por que você gosta desse filme?

— Porque é legal, oras! — Eduardo deu de ombros. Uma coisa que tinha decidido para sua vida era aceitar que as pessoas tinham gostos diferentes, e o que era bom para ele, não era, necessariamente, bom para outras.

— Então, o que você quer comer? — No momento que as palavras deixaram sua boca, ele se arrependeu da maneira como as dissera. Não entendia muito de garotas, mas talvez aquele não fosse um jeito bom de chamar uma para jantar. Mônica, no entanto, não pareceu ofendida ou coisa parecida. Ela apenas deu de ombros.

— Um sanduíche no *Subway* tá de boas pra mim.

Assim fizeram. Enquanto comiam, iam conversando e se conhecendo um pouco mais. Era engraçado ver que, apesar de serem totalmente diferentes, conseguiam se dar tão bem. A espontaneidade dela, o modo como poderia falar sério num instante, e no segundo seguinte fazer uma piada idiota e rir de si mesma. Mônica era uma pessoa peculiar.

— Eu andei pensando numa coisa aqui... — disse ele enquanto brincava com o canudo do refrigerante. De repente, parecia muito difícil levantar a cabeça e olhar para ela; sentia o suor frio descendo pelas costas e era agonizante. Forçou-se a encará-la, rezando para não estar (muito) vermelho. — Ahm...

— Hum... — Ela tentou incentivar enquanto mastigava.

— Ahm, então, eu estava pensando se... o que você acha de mudar o *status* de relacionamento no Facebook? — Mônica parecia engasgada com o sanduíche e precisou de um gole de refrigerante para conseguir engolir. Ele não pôde dizer se fora sua proposta a causa disso, mas reconhecia não tinha sido uma maneira legal de propor um namoro sério. — Desculpa, eu pensei... que... mas... — começou, sentindo afundar um pouco mais a cada segundo.

— Não é isso, Eduardo — ela finalmente saiu do silêncio. — É que eu não lido bem com relacionamentos sérios. Eu não queria que você criasse expectativas... Se você ainda não percebeu, eu não sou o tipo de garota que anda de mãos dadas e usa apelidos fofinhos. — Apesar de a resposta dela parecer um tanto brusca, ele gostou da sinceridade.

— Acho que eu já percebi isso, Mônica. Sinceramente, essa é a melhor coisa sobre você.

Por um instante, ela não soube o que dizer. Não poderia dizer com segurança que não gostava de Eduardo. Mentiria se o fizesse. Ele era divertido, inteligente e muito bonito. A julgar por suas experiências passadas, era o melhor cara com quem já tinha saído. Mas havia um detalhe que era quase impossível não notar.

— E o que nós fazemos com esses cinco anos de diferença? — Eduardo deu de ombros, como se a dizer que não havia muito o que pudessem fazer.

— Ignoramos? — Ela balançou a cabeça, rechaçando a ideia. — Engraçado, era suposto você não ser a garota que se importa com o que os outros vão pensar.

— Não se trata disso, Eduardo — rebateu, impaciente.

— Ok, ok. Então que tal se você apenas pensasse no assunto? Enquanto isso, você pode ir testando... — Ele arrastou a cadeira para encostar na dela e aproximou o rosto; tocou o nariz dela com a ponta do seu. — Que tal, ham? — Fez cócegas na bochecha dela e conseguiu arrancar um sorriso. Quando ela permitiu, ele a beijou.

— x —

Mônica tentou não pensar muito no assunto. Queria fazer como fazia com a maior parte das decisões de sua vida: deixar que as coisas se resolvessem sozinhas. De certa forma, foi assim que aconteceu, porque tentar não pensar nele era inútil. Como poderia esquecê-lo se o garoto morava ao lado? Se há algumas semanas ela mal reparava nele, agora era uma parte importante do seu dia. *Os dois se encontravam todo dia e a vontade crescia.* A mudança de status de relacionamento sugerida por Eduardo aconteceu sem que ela nem ao menos percebesse. Quando se deu conta, já estava convidando-o para sair com seus amigos — e tentando, assim, lidar com o fato de que algumas vezes, ele não iria poder ficar na rua até tarde porque tinha escola no dia seguinte.

Era uma sexta-feira, Bruna apareceu na sala vestida para matar, como costumava dizer. Usava um vestido preto curto, tomara que caia e sapatos de salto alto; tinha os cabelos soltos e escovados, e o rosto maquiado. Sua surpresa foi encontrar Mônica já de pijama, sentada no sofá da sala, lendo um livro que parecia tão pesado que ficava com preguiça só de ver.

— Ué, você ainda tá assim?

— Não vou sair.

— Por quê?

— Não tô a fim.

— Mas... — Bruna nem soube como reagir. — Não é por causa do seu namoradinho, é? — A bem da verdade, ela havia chamado Eduardo para fazer alguma coisa, mas ele parecia estar em alguma espécie de castigo ou algo assim. De qualquer forma, disse que não poderia, mas não iria se incomodar se ela quisesse ir.

— Não, não é por causa do meu namoradinho, é porque eu não tô a fim.

— Então tá, eu vou nessa.

— Dirige com cuidado.

— Pode deixar.

Quando Bruna saiu, Mônica retornou à leitura. Ou pelo menos tentou, porque não demorou cinco minutos, Camila apareceu e se sentou do seu lado.

— Que milagre você em casa! — brincou.

— Vocês exageram um pouco. Eu não saio tanto assim.

— Pelo menos admita que você tá mudando seus hábitos desde que começou a sair com ele. — Mônica nem tentou discordar daquilo. Ficar com Eduardo a fizera mesmo mudar um pouco a perspectiva.

— Tá, eu sei que parece estranho, mas... eu realmente não sinto vontade de ir pra balada sozinha agora. Isso é ridículo — reconsiderou.

— Não tem nada de ridículo em gostar de alguém, Mônica. Se esse gostar te faz mudar, e são mudanças boas pra sua vida, não tem nenhum problema, amiga. — Mônica assentiu, agradecida pelas palavras de apoio de sua amiga. Era importante saber que elas

não a consideravam maluca por se interessar por um garoto mais jovem. — Você já contou aos seus pais?

— Ainda não. Acho que é cedo, vou esperar um pouco, ver no que vai dar. Não quero ninguém criando expectativas.

— E os pais dele, já sabem? — Mônica encolheu os ombros. Se Eduardo tinha contado aos pais, não havia lhe dito nada ainda, e ela não estava nem um pouco apressada para conhecer a família dele. — Bom, vocês já transaram? — rolou os olhos, demonstrando o quanto achava ridículo que sua amiga fizesse aquele arroteio todo apenas para perguntar aquilo. Em todo caso, balançou a cabeça em negativa. — Será que ele é virgem?

— Não sei.

— Ué, mas vocês não conversam?

— Claro que a gente conversa, mas eu não faço perguntas desnecessárias. Eu ficaria muito irritada se ele me perguntasse algo assim, então não ajo da maneira como não queria que ele agisse comigo. Mas enfim, acho que ele é, sim. Ele é muito comportadinho.

— Como assim? Ele não faz nada? Não tenta nada? — Mônica balançou novamente a cabeça.

— É muito tranquilo, não insiste, não força a barra, às vezes até pede permissão pra me beijar. É um amorzinho.

— Gente, que fofo. E você vai poder tirar a inocência dele. — Mônica deu uma risada.

— Que ideia é essa, garota?

— Vocês estão namorando sério, não é? Vai acontecer...

— Eu não vou me oferecer numa bandeja, mas se ele manifestar alguma vontade, eu não me oponho — declarou, fingindo certa seriedade. Depois riu novamente. — Por via das dúvidas, eu acho que é melhor esperar ele completar dezessete anos. — Camila deu uma risada.

— Só você, Momo.

— x —

Não tinha planejado mentir para os pais. Nem achava que o estivesse fazendo. Estava apenas esperando a hora certa para contar sobre a namorada. Não poderia negar que receava que seus pais pudessem implicar com Mônica. A bem da verdade, Paulo já implicava mesmo sem conhecê-la, porque o fato de ele não ter contado ainda, não significava que seus pais não sabiam de nada, afinal, praticamente todos os dias ele inventava uma desculpa para sair de casa, coisa que antes era raro de acontecer.

Naquela noite, quando estava prestes a sair, seu pai o mandou ficar. Foi uma das poucas vezes que ficou realmente irritado com o jeito autoritário de Paulo. Quando pedira permissão, pela manhã, os pais tinham deixado que ele saísse, desde que voltasse para casa cedo. Não entendia por que eles mudariam de opinião. Carmen e Paulo estavam sentados na sala, assistindo TV, e Eduardo tentou mais uma vez.

— Se você disser aonde vai, talvez eu deixe você sair — Paulo sentenciou, sem deixar margens para negociação.

— Sair com uns amigos.

— Tente ser um pouco mais vago, filho. Se você não quer dizer pra onde vai, deve estar escondendo alguma coisa, e eu não criei você pra mentir.

— Eu não tô mentindo, pai.

— Como se eu não te conhecesse! Você acha que eu nasci ontem? — Eduardo sentou na poltrona ao lado do sofá onde estavam seus pais e pensou um pouco. Se a tal

hora certa não aparecia, era melhor falar de uma vez e torcer para estar errado e seus pais receberem a notícia com bom humor. Era raro, mas acontecia. Portanto, decidiu que não ia mais esperar.

— Eu tô namorando — disse e aguardou pela reação. — A nossa vizinha — acrescentou. — Da direita — completou, para evitar confusão. A surpresa dos dois foi genuína. Poderia até dizer que eles jamais tinham cogitado tal hipótese.

— Essa garota não serve pra você, Eduardo — Paulo foi logo dizendo, frustrando as esperanças do garoto, que nunca tinham sido grandes, por sinal.

— Pai, o senhor não acha que quem pode saber se ela serve ou não pra mim sou eu? — rebateu, embora tenha falado com bastante paciência, sem traços de rebeldia na voz.

— Como se você soubesse de alguma coisa sobre a vida!

— O senhor tem razão, pai, eu não sei nada sobre a vida, mas tenho que aprender. Pra isso, vocês têm que me deixar viver e fazer as minhas coisas, do meu jeito. Eu não sou mais criança.

— Nasce um pelo na sua cara e você já fica achando que é adulto! Saiba que não é assim que a banda toca, Eduardo. Sua mãe e eu não vamos deixar que você faça qualquer besteira e assistir sem dizer nada.

— A que besteiras exatamente o senhor se refere, pai? — Eduardo impacientou-se. Sua postura usual era não bater de frente com o pai e assumir que Paulo César estava sempre certo, mesmo quando não. Mas, naquele momento, estava um pouco difícil agir assim. Achava, no mínimo, injusto que o pai dissesse aquilo. Ele não fazia besteiras. Era um bom filho, um bom garoto, tirava boas notas no colégio, não dava um passo para fora de casa sem falar com os pais antes. — Eu não posso namorar? É esse o grande erro da minha vida?

— É claro que você pode namorar, mas... — Eduardo interrompeu a fala do pai antes que Paulo pudesse concluir seu raciocínio.

— Mas só com alguém que vocês considerem adequada pra mim. Isso é ridículo, cara.

— Dudu, fale direito com o seu pai — Carmen interferiu pela primeira vez na discussão. Ela não queria se colocar ao lado de um ou do outro, principalmente porque achava que ambos tinham suas razões. — Nós só queremos o melhor pra você, filho.

— Eu sei, mãe, mas o que vocês acham que é melhor pra mim talvez não seja o que eu quero. Antes de ser o filho de vocês, eu sou uma pessoa e tenho vontade própria.

— Esse escarcéu todo só por causa daquela garota...

— Aquela garota tem um nome, e o senhor não pode falar dela como se a conhecesse. — A maneira brusca como o rapaz falou deixou o pai momentaneamente sem palavras, mas Paulo logo se recuperou e quando falou, voltou a adotar aquele tom irredutível.

— Chega dessa bobagem.

— Pai...

— Fique calado, eu ainda não terminei de falar. Eu posso proibir você de fazer qualquer coisa, enquanto você for menor de idade e morar nessa casa, você deve me obedecer. Mas eu não vou te impedir de namorar, apenas não conte com a minha aprovação. Eu estou tentando poupar você de se machucar no futuro, mas se você prefere aprender do jeito mais difícil, que seja, agora preste atenção, as regras nessa casa não mudarão só porque você acha que já é adulto o bastante. Você pode até sair amanhã, mas hoje, não. — O garoto ainda abriu a boca para tentar argumentar, mas não conseguiu dizer nada. — Pode ir pro seu quarto. — Eduardo cerrou os punhos, sentindo uma raiva inédita crescer dentro de si. Era como se seu pai apenas ignorasse tudo que ele tinha

falado e continuasse agindo como se o filho ainda tivesse oito anos de idade. Todavia, foi obrigado a reprimir a raiva e retornar a postura de não agressividade.

Ressentido, porém obediente, ele saiu da sala sem dizer boa noite. Sentiu os olhos úmidos, mas suprimiu a vontade de chorar. Se o fizesse, estaria agindo exatamente como uma criança. Entrou no quarto e se atirou na cama. Pegou o celular e ligou para Mônica para se desculpar por ter que cancelar. Pensou em inventar alguma mentira, mas acabou confessando que estava meio que de castigo. Ela riu um pouco, claro, era comum de Mônica fazer isso!

— Mas você pode ir, se quiser — disse, embora não se sentisse tão bem assim com a ideia, apenas não queria que ela deixasse de fazer algo por sua causa. Mônica, no entanto, disse apenas que estava tudo bem e iria aproveitar para estudar um pouco. Não evitou ficar um pouco decepcionado, talvez esperasse que ela ao menos reclamasse.

Eduardo decidiu, então, fazer o que sempre costumava fazer em suas noites de sexta antes de conhecer Mônica: jogar videogame e avançar alguns níveis. Ligou o console e se conectou para jogar online, apostava que Douglas já o estaria esperando, porém, foi surpreendido com a ausência dele. Pegou o telefone e ligou para o amigo.

— Cadê você, *viado*? — foi perguntando logo que a ligação foi atendida, no terceiro toque. — Você não vai jogar hoje?

— *Meio ocupado agora, Dudu.* — Ouviu uma risadinha do outro lado da linha que não pertencia a Douglas. — *Você não disse que ia sair com a Mônica e a galera dela?* — Pensou ter capturado algo de irônico no tom de voz do amigo. Será que Douglas estava se sentindo em segundo plano agora que ele tinha uma namorada? Eduardo rechaçou a ideia. — *Escuta, vai lá pra casa amanhã tomar banho de piscina. Chama a Mônica, ela é amiga do meu irmão, não é?*

— Espera, você não tá em casa? Onde você tá?

— *Amanhã eu te conto. Tenho que desligar agora. Tchau.* — A ligação foi encerrada antes que Eduardo pudesse dizer mais alguma coisa. Ficou tentando imaginar onde Douglas poderia estar àquela hora, mas nada lhe vinha à mente.

Não lhe restou escolha a não ser jogar sozinho, o que não era ideal, mas o manteve ocupado por boa parte da noite. Foi dormir tarde, portanto, acordou também tarde no sábado. Telefonou para Mônica depois das onze da manhã, antes mesmo de tomar café, e estendeu o convite de Douglas. Ela gostou da ideia. Combinou de encontrá-la em dez minutos para irem juntos.

Seus pais tinham saído para a costumeira feira de sábado e ele encontrou apenas a irmã sentada à mesa da cozinha. Quando reparou que ele estava de mochila nas costas, Maria Eduarda arqueou a sobrancelha.

— Você vai sair?

— Vou pra casa do Douglas — respondeu enquanto servia uma xícara de café e pegava um pedaço de bolo.

— Você não devia criar caso com o papai.

— Eu não tô criando caso com ele.

— Dudu, nossos pais estão com ciúmes de você, será que você ainda não percebeu? Você é o bebê deles.

— Eu...

— Não é mais criança, eu sei. Só tô te dizendo que ficar com raiva e bancar o rebelde não vai resolver nada. Se o pai mandou você ficar em casa, você deveria ficar.

— Ok, tudo bem. — Eduardo pegou o celular no bolso e procurou o número do pai. Se sua irmã não queria que ele saísse sem permissão, poderia resolver o problema. Esperou e Paulo atendeu a chamada no segundo toque. — Pai? Bom dia... Não, não, tá tudo bem. Eu só queria pedir desculpas pela maneira como falei com o senhor ontem à

noite. E também queria pedir pra ir passar o dia na casa do Douglas... ok, obrigado, a gente se vê à noite. — Desligou o telefone, depois se dirigiu à irmã. — Você tem razão, bancar o rebelde não resolve nada. Eu sei que você se preocupa com ele, eu também me preocupo. Vou tentar não brigar e não dar motivos pra ele se irritar, mas não vou desistir da Mônica.

Eduarda piscou, um pouco confusa com a aparente maturidade do irmão mais novo.

— Parece que você gosta mesmo dela...

— É, eu acho que sim. Bom, vou indo. — Colocou a mochila nas costas novamente e já estava quase na porta quando estacou e virou-se novamente para a irmã. — Você não quer ir também pegar uma piscina?

— Não, obrigada. Eu vou limpar meu quarto e terminar de fazer uns trabalhos da facu.

— Tá bom, fica com Deus.

Saiu de casa e percorreu os poucos metros até a de Mônica. Tocou a campainha e a loira alta atendeu a porta — ele ainda estava no processo de decorar os nomes das amigas da namorada. Ficou um pouco sem ação quando viu a garota usando um short curto e apenas a parte de cima do biquíni.

— Bom dia, Dudu — Bruna disse, divertindo-se com a expressão agoniada do garoto. — Entra e espera um pouco, o zangado ainda tá se arrumando. — Eduardo sorriu e entrou. Mônica não demorou a aparecer e veio acompanhada de Camila e Isadora. — Então vamos indo? Ah, Dudu, obrigada por nos convidar. — O garoto abriu a boca, confuso, tentando encontrar um jeito delicado de dizer que não havia convidado ninguém além de Mônica, mas antes que ele o fizesse, sua namorada foi menos sutil.

— Ninguém convidou vocês, Bruna — mostrou a língua a amiga, depois se virou para o namorado. — Mas não se preocupa, eu liguei pro Dan, e ele tá de boas.

— Aham, tudo bem.

Andar no carro com as quatro garotas foi uma das coisas mais estranhas que já tinha feito na vida, mas não foi totalmente desagradável, era até divertido vê-las tagarelando sem parar e brigando feito quatro velhinhas.

Quando chegaram à casa de Douglas e Daniel, encontraram além dos dois, vários outros amigos. Eduardo deveria suspeitar que quando Daniel deixava o irmão caçula levar amigos para casa, haveria praticamente uma festa. Mas a surpresa maior nem foi essa. O que o deixou de boca aberta foi o rapaz loiro de quase um metro e noventa de altura agarrando seu melhor amigo. Sentiu, de repente, uma espécie de bolo se formando em seu estômago. Não era ciúmes, claro, apenas sentia-se excluído de um momento importante para Douglas.

— Eu já mandei vocês dois pararem com a viadagem, caramba! — Até se assustou quando Daniel gritou para o irmão. Algumas pessoas riram, o próprio Douglas inclusive.

Ele afastou-se do namorado e foi até Eduardo. Depois de cumprimentá-lo, percebeu que o amigo o encarava com a expressão confusa.

— Então... aquele é o Leo.

— Leo. Desde quando o Leo existe e como você esqueceu de mencionar que estava saindo com um cara desse tamanho? — Douglas deu uma risada.

— Desculpa, cara, mas você tava ocupado demais com seu próprio romancinho hetero pra me dar atenção.

— Não fala assim, cara.

— Eu não tô te cobrando, eu te entendo, mané. Além do mais, eu não queria falar nada antes de saber como as coisas iam ficar. Eu só contei pro Dan ontem, pra você ter

uma ideia. Ele ainda tá processando a ideia, mas tem lidado bem. Também não sei como funciona esse negócio de namoro, né?

— Você parecia muito à vontade pra quem não entende direito o funcionamento da coisa.

— É que beijar o Leo é muito bom, cara, tipo, muito mesmo.

— Eu ainda não entendi de onde ele surgiu. — Douglas deu de ombros.

— Ao contrário do que você possa pensar, não foi no *Tinder*. Foi no consultório do meu terapeuta mesmo.

— Então ele pode ser um psicopata mesmo? Quer dizer, pra sair com você o cara deve ter um ou dois parafusos fora do lugar.

— Pelo menos o meu psicopata não precisa de uma escada pra alcançar minha boca.

Foi bom sentir que a amizade dos dois continuava intacta. Douglas fez as apresentações formais. Depois todo o grupo aproveitou o dia para se divertir. Havia uma infinidade de diferenças entre todos eles, mas conseguiam superá-las, e mais do que isso, era como se elas contribuíssem positivamente na interação do grupo.

VI

Eduardo terminou de fazer todas as lições de casa antes da hora do jantar. Também comeu rápido, mal mastigando a comida. Quando terminou, levantou da mesa e já foi se dirigindo à porta.

— Posso saber aonde você vai? — Ele parou. Respirou fundo. Seu pai tinha dado uma trégua nas últimas semanas, mas aparentemente ia começar de novo com a implicância.

— Só passar um tempinho com a Mônica.

— Não tem dever de casa pra fazer?

— Já fiz tudo.

— Tudo bem, pode ir, mas volta logo que eu quero ter uma conversa com você.

— O garoto arqueou a sobrancelha, curioso, mas Paulo não adiantou o assunto. — Vá, pode ir, a gente conversa depois. — A perspectiva de ter uma “conversa” não o animava, mas não perdeu tempo e foi logo encontrar a namorada. Estava há dois dias sem vê-la direito e isso era muito tempo.

Encontrou Mônica vestida com uma calça de moletom e um casaco provavelmente duas vezes maior que o número dela. Os cabelos supostamente deveriam estar presos, mas caíam, desgrenhados. Eduardo sorriu ao entrar e beijá-la. Havia algo de muito belo na maneira despreocupada dela.

— Oh, querido, eu não estava esperando por uma visita hoje — disse, dramaticamente. — Que milagre foi esse do seu pai deixar você sair de casa a essa hora?

— Mônica provocou enquanto o puxava para o sofá.

— Onde estão suas amigas?

— Por que você quer saber sobre elas?

— Por nada. — Deu de ombros. Não queria confessar que se sentia mais à vontade quando elas não estavam por perto e dar a impressão de que não gostava das garotas, o que não era o caso, apenas ficava tremendamente vermelho quando Bruna começava a fazer piadas de duplo sentido. — Eu gosto de ficar com você só pra mim.

— Que romântico. Vamos lá pro quarto ver um filme? — Eduardo desanimou. Os filmes que ela gostava eram difíceis de engolir. — Não precisa fazer essa cara, a gente pode ver filme de mulherzinha. Eu só preciso relaxar um pouco porque hoje foi muito tenso na facu.

— O que houve?

— Eu discuti com um professor que disse, com todas as letras, que eu não tinha capacidade pra me especializar em neuro.

— Por que ele diria algo assim? — Mônica empurrou a porta do quarto, entrou e já foi direto se jogar na cama, sem parar para considerar que aquela era a primeira vez ele entrava ali.

— Porque ele é um idiota machista. Pra minha infelicidade, esse idiota também é o chefe da neuro no hospital universitário. Vem pra cá, Dudu.

Ele ainda estava parado na porta, como que em dúvida. O quarto estava um pouco bagunçado, não pôde evitar reparar nisso. Havia livros em cima da poltrona ao lado da janela e até no chão. Algumas roupas penduradas num cabide, outras por cima da cama. Mônica juntou as que estavam mais perto dela e atirou-as ao cesto no canto da parede. Foi um arremesso perfeito, Eduardo teve que admitir. A cama dela era de casal e havia várias almofadas, e para sua surpresa, até um coelhinho de pelúcia azul.

— Não me diga que o nome dele é Sansão! — Mônica balançou a cabeça. Eduardo sentou na cama ao lado dela.

— Momo. Meus pais me deram quando eu tinha cinco anos. Eles juram que eu escolhi, mas nunca acreditei nisso. — Ela pegou o coelho e o beijou. — Então, que filme você quer ver?

— Você escolhe.

— Deixa eu achar o controle da TV primeiro — jogou almofada para todos os lados até encontrar o controle remoto escondido entre o colchão e a grade da cama. Ligou a televisão e selecionou o aplicativo da *Netflix*. O filme em destaque era *A incrível história de Adeline*, e como tinha Harrison Ford, ela não perdeu mais tempo procurando outras opções. Apertou o botão de Ok no controle e se aconchegou mais ao corpo de Eduardo, apoiando a cabeça no peito dele.

Assistiram os trinta minutos de filme praticamente sem conversar, com exceção dos comentários de Mônica sobre uma ou outra cena. Mas depois ela começou a ficar entediada e até pensou que o namorado tivesse adormecido.

— Eduardo? — chamou para se certificar de que ele estava acordado.

— Oi?

— Você não vai ficar chateado se eu te fizer uma pergunta?

— Acho que vai depender da pergunta. Mas se eu ficar, te falo. — Ela pensou um pouco e ainda sem tirar os olhos da televisão, perguntou:

— Você é virgem? — A pergunta o pegou desprevenido, principalmente por ter sido feita de forma tão direta. Eduardo chegou a considerar a possibilidade de mentir, mas como sempre, essa ideia lhe pareceu estúpida tão longo se fez em sua cabeça. O que ganharia bancando o experiente, afinal?

— Bastante. Mas por que você tá perguntando isso?

— Você tá na idade em que, supostamente, os hormônios ficam à flor da pele — falava com o tom da futura médica. — Mas você é tão comportado...parece um santinho.

— Sério? Não, sério mesmo que você tá reclamando que eu sou comportado? — Ele se sentou, exasperado e um pouco irritado com o tom jocoso dela.

— Calma, eu só tô comentando. Não precisa ficar nervoso, ok? Eu não tô tirando onda com a sua cara também.

— Eu não sou um santinho. Eu te respeito. Não queria e não quero que você pense que eu só tô interessado em sexo. — Mônica sorriu quando o notou corado. Ela tocou o rosto dele com a ponta dos dedos, roçando o polegar pela bochecha.

— Mas você tá interessado? — Foi descendo a mão até chegar ao coração e pôde sentir as batidas aceleradas. Eduardo gaguejou qualquer coisa, mas foi incapaz de dar uma resposta compreensível.

Mônica não havia planejado nada daquilo, mas já tinha o costume de tomar decisões de repente e aquele lhe pareceu um bom momento para levar o relacionamento para outro nível. Se gostava de Eduardo o bastante e confiava nele, não via porque esperar. Tomou a iniciativa do beijo, depois o incentivou a continuar, dando sua permissão silenciosa para que ele a tocasse sem repressões.

Iam muito bem até que o som do celular de Mônica tocando quebrou o clima. O aparelho tinha o toque daqueles telefones antigos e soava alto demais para ser ignorado.

— Deve ser brincadeira, não é, universo? — ela praguejou enquanto esticava o braço para apanhar o celular que estava em cima do criado mudo. Franziu o cenho quando viu o nome do pai na tela. — É o meu pai, eu vou ter que atender.

— Tudo bem.

Ela se levantou da cama e saiu do quarto para atender a ligação. Eduardo procurou a camiseta que tinha sido jogada para o chão, apanhou e se vestiu. Era chato ser interrompido quando estava começando a gostar, mas foi bom ter lembrado que deveria ir para casa. Esperou apenas ela voltar para se despedir. Ela não demorou.

— Desculpa, eles não costumam ligar a essa hora e eu fiquei logo com medo de que tivesse acontecido alguma coisa.

— E aconteceu? — reparou que ela ainda parecia preocupada.

— Não, tá tudo bem. Mas eles vêm me visitar. Tipo, amanhã. — Mônica levou as mãos à cabeça. Seus pais adoravam fazer surpresas, mas ela não gostava muito de ser surpreendida. Eles iam chegar na manhã seguinte, a casa estava uma bagunça, não havia nem comida na geladeira. Isso os encheriam de razão quando comessem a dizer que ela havia cometido um erro quando decidiu se mudar para São Paulo e morar sozinha. — Eles vão querer te conhecer. — Tinha quase certeza de que aquela viagem repentina era apenas uma desculpa para dar uma checada no seu namorado.

— Tudo bem, por mim, sério. Eu sou o garoto que os pais e as mães adoram. Eu posso até pedir aos meus pais pra convidá-los pra ir lá em casa. — Mônica até riu da ideia.

— Não, Dudu, acho que não seria uma boa ideia. Meus pais não são exatamente... como eu posso dizer...? Convencionais.

— Pelo jeito como você falou eles não parecem nada diferente da maioria dos pais, Momo. — Ela o encarou, séria. Balançou a cabeça. Deveria ter contado sobre os pais desde o começo. — Qual o problema, Mônica?

— Meus pais, Eduardo.

— O que tem eles? — Ela hesitou um instante, talvez pensando na melhor maneira de dizer aquilo. Claro que não tinha vergonha dos pais, apenas achava ainda complicado explicar.

— Eles são dois eles.

— x —

Eduardo tentou imaginar os pais de Mônica, mas nenhum deles correspondia à ideia que fizera. Em primeiro lugar, não havia nem chances de eles serem pais biológicos de Mônica.

Ele falou primeiro com Marcelo. Era um homem alto, devia ter mais de um metro e oitenta; magro, de pele branca e olhos castanhos; tinha os cabelos grisalhos e o rosto liso. Usava um terno cinza e parecia ser o mais velho; olhava para a filha com carinho nítido nos olhos. Quando falou com Eduardo, tinha a voz tranquila e foi simpático.

O segundo pai se chamava Bernardo. Era alto, loiro, de olhos azuis. Tinha o cabelo bem cortado e usava uma barba bem feita. Tinha o porte atlético, ombros largos e braços musculosos. Ele estava usando uma calça jeans e uma camisa de manga longa dobrada até o cotovelo, de modo que podia-se ver uma parte da tatuagem que tinha no

braço esquerdo. Pelo que Mônica tinha dito, ele era o mais ciumento e Eduardo não gostaria de deixá-lo irritado em nenhuma ocasião. Apertou a mão do rapaz com firmeza, encarando-o com ar sério.

— A Momo fez parecer que você era mais velho — comentou. Eduardo olhou para a namorada, sem saber como responder. Por fim, apenas sorriu. Mônica sugeriu que se sentassem e comesçassem a escolher a comida porque ela estava faminta. — Quando você não está faminta, meu amor? — Bernardo sorriu para a filha, depois falou com Eduardo. — Você ainda está no colégio, não é? — O garoto assentiu. — Já resolveu o que vai fazer na faculdade?

— Ih, vai começar o interrogatório. — Mônica rolou os olhos, mas não impediu que Bernardo enchesse seu namorado de perguntas. Ficou surpresa por ver Eduardo levar tudo numa boa. Ele não tinha mesmo exagerado quando disse que era o garoto que os pais gostavam. Ele era mesmo um menino de ouro e ela provavelmente deveria se sentir uma garota de sorte por tê-lo conhecido quando eram tão raros de ser encontrados.

Eduardo poderia ser jovem e inocente em algumas coisas, mas era totalmente capaz de manter uma conversa que não fosse sobre videogames ou heróis da Marvel. Viu, com orgulho, ele discutir sobre política com Marcelo.

Mais tarde, quando voltaram para casa, Eduardo pediu desculpas por não poder ficar mais porque ainda precisava terminar os deveres da escola. Isso rendeu uma boa risada de Bernardo. Mônica o acompanhou até a porta e aproveitou para agradecer pela paciência que ele teve com os pais dela.

— O Eduardo sempre vai pra casa cedo assim? — Bernardo perguntou quando a filha retornou à sala e se sentou no sofá entre ele e Marcelo.

— É... o pai dele é meio chato e controlador.

— Mas que bom, pelo menos eu não tenho que me preocupar.

— Fala sério!

— Você está gostando mesmo dele? Está tudo bem? Ele está te tratando direito?

— Está sim, pai, tá tudo certinho. O Dudu, ele é... diferente.

— Eu acho bom que seja mesmo, Momo, porque se ele te magoar, eu mesmo vou fazer com que ele se arrependa. — Ele a puxou para junto de si, envolvendo-a num abraço protetor e beijando-a na cabeça.

Mônica gostava de ser independente, de ser a garota forte e decidida, que tomava decisões sozinha. Mas também gostava de ser a filhinha do papai, ser amada e protegida por aqueles dois homens que cuidaram dela desde os primeiros dias de vida e lhe deram todo o amor e dedicação que os pais biológicos foram incapazes de dar. Entendia a preocupação deles com relação a Eduardo. Seu último relacionamento tinha sido conturbado e terminado de uma maneira dramática ao ponto de fazê-la querer sair da cidade e não voltar mais. A simples ideia de reencontrar o ex-namorado, ainda que por acaso, a deixava nervosa e ela preferia não arriscar. Felizmente, aquela criatura possessiva e mentalmente instável era passado. Seu presente era totalmente diferente.

— Agora conta como andam as coisas na faculdade — Bernardo pediu, e ela contou com riqueza de detalhes, omitindo apenas as partes das festas. Não que eles não suspeitassem, mas não precisava dizer com todas as letras, afinal.

Marcelo e Bernardo ficaram ainda pelo resto da semana e só voltaram para Brasília no domingo. Mônica foi levá-los ao aeroporto junto com Bruna e recebeu as mesmas recomendações de sempre. Abraçou-os, disse que os amava e prometeu se comportar direitinho — tudo como eles gostavam de ouvir.

Assim que retornou à rotina normal, a perspectiva da primeira vez com Eduardo voltou a figurar em seus pensamentos. Desde que tinham sido interrompidos, não haviam tentado de novo. Mônica não estava propriamente ansiosa. Ela não era do tipo que via o

sexo como primordial — ou mesmo necessário — para o relacionamento, mas considerava-o uma parte muito boa.

Infelizmente, enquanto ela estava se aproximando do fim do semestre, e conseqüentemente, precisava concentrar mais horas de estudo para as provas finais, Eduardo tinha a preparação para o ENEM e vestibulares das federais pela frente. O lado bom era que os pais dele tinham dado o benefício da dúvida ao relacionamento e afrouxado um pouco as rédeas do garoto. Os dois provavelmente reconheciam que o filho era digno de confiança, já que era um aluno nota dez em quase todas as matérias.

Outra coisa que atrapalhava um pouco os planos eram suas amigas. Já havia percebido que Eduardo não se soltava muito quando as garotas estavam por perto. E não era para menos. Elas — em especial Bruna — poderiam ser um tanto intimidadoras. Deste modo, quando conseguia algumas horinhas sem elas chegava a comemorar.

Naquela noite, a casa estava silenciosa. Isadora estava no quarto vendo TV, Camila fora dormir na casa do namorado e Bruna viajara para a casa dos pais no interior. Mônica e Eduardo estavam concentrados numa partida de xadrez. Ou melhor, ela estava concentrada.

— Por que eu tenho quase certeza que isso não vale? — ela perguntou depois que ele fez a jogada. Eduardo balançou a cabeça, sacudindo os cabelos que estavam novamente compridos.

— Você acha que eu iria te ensinar a jogar burlando as regras do jogo?

— Mas eu não tô gostando da sua cara — insistiu.

— Qual cara?

— Essa daí. — Eduardo não sabia a que cara exatamente ela se referia, mas suspeitava que fosse à tentativa dele de disfarçar e não olhar para as pernas ou os seios dela. O fato de ser pequena e baixinha não a impedia de ter um corpo bonito e quando ela aparecia vestindo uma camiseta regata e um short minúsculo, não o ajudava em nada a se concentrar no jogo.

— Eu tô tentando me concentrar no jogo. Xadrez é um jogo que exige muito disso, sabia? Vai lá, é a sua vez. — Mônica olhou para o tabuleiro de forma analítica, embora não entendesse muito bem o que estava fazendo. Ele aguardou que ela terminasse, depois deu um risinho de canto de boca. Mesmo com toda sua falta de atenção, Mônica conseguia ser terrível nas escolhas. — Xeque-mate.

— Eu sabia que isso não valia, porra!

— Ei, ei, não vem com essa, você fez uma péssima jogada.

— Você não deveria estar me ensinando?

— Eu tô tentando. — Mônica pegou uma almofada e atirou nele, que não conseguiu desviar a tempo. — Para, Momo. Você tem que prestar atenção no jogo e pensar antes de fazer sua jogada. Poderia até ter ganhado, mas é afobada. — Para isso, ela não tinha resposta. Paciência não era mesmo sua melhor qualidade. — Que ir de novo?

— Não. Acho que a gente pode jogar outra coisa.

Eduardo não precisou de muito esforço para saber de qual jogo exatamente ela estava falando.

Como a maioria dos adolescentes, Eduardo fantasiou muito sobre a tão esperada “primeira vez”. A realidade, como era comum acontecer, não saiu bem da maneira que ele imaginou. O que, no final, não teve muita importância.

VI

Eduardo acordou e ficou olhando para a garota adormecida. A coloração azul dos cabelos havia sido substituída por uma lilás e ela parecia um daqueles personagens de

anime. Deu um beijo no ombro dela, bem próximo da tatuagem. Descobrira que havia outras tatuagens, mas aquela continuava a sua preferida. Mônica se mexeu e abriu só um olho.

— Que horas são? — perguntou, com a voz sonolenta.

— Cedo. Pode voltar a dormir.

— Fica aqui — pediu quando percebeu que ele pretendia levantar. — Não vai, não. — Ele ficou tentado a atender o pedido, mas tinha exatamente dez minutos para se esgueirar silenciosamente até o próprio quarto antes que o despertador do pai tocasse e Paulo descobrisse que o filho não tinha dormido em casa outra vez. Além do fato de precisar se arrumar para a escola.

— A gente se vê mais tarde.

— Tá bom — resmungou e quando ele voltou a beijá-la, parecia já ter voltado a dormir. Eduardo levantou e pegou as roupas que estavam na poltrona. Vestiu-se depressa e saiu, pé ante pé, tentando fazer mínimo de barulho possível. Não se preocupava mais com a possibilidade de ser visto por uma das amigas de Mônica, apenas não queria correr o risco de acordar Bruna e lidar com humor matutino dela.

O dia ainda não tinha clareado quando ele saiu para a rua. O horário de verão fazia com que as cinco e meia da manhã parecessem alta madrugada. Abriu com cuidado a porta de casa e entrou. Tudo estava, aparentemente calmo, seus pais ainda não haviam acordado, então ele pensou que tinha escapado. Foi para o quarto e tratou de tomar logo banho e se arrumar. Depois, aproveitou o tempinho que tinha antes de descer para tomar café para rever uma parte da lição de matemática que tinha deixado pendente.

Quando chegou à cozinha encontrou o pai sentado à mesa e a mãe preparando o café.

— Bom dia — cumprimentou. Carmen sorriu e deu um beijo de bom dia na cabeça do filho, enquanto colocava a comida dele na mesa. Paulo César, no entanto, não estava tão bem-humorado quanto a esposa.

— O que eu falo pra você todo dia não serve pra nada, não é, Eduardo?

— Não entendi, pai.

— Não faça essa cara de inocente. Você dormiu lá de novo, não foi? — Eduardo preferiu guardar o silêncio. — Você pelo menos tá tomando cuidado? — Morrer, de repente, parecia uma boa ideia.

— Pai...

— Não venha com essa de “pai”, eu estou lhe avisando desde o começo. Abra o olho, Eduardo, porque vida não é brincadeira. Depois você me aparece aqui dizendo que ela está grávida. Aí eu quero ver, não pense que eu vou passar a mão na sua cabeça.

— Isso não vai acontecer, pai, pode ficar sossegado — disse, por fim, ainda que lhe custasse um grande esforço. A primeira conversa sobre sexo com o pai não tinha sido agradável e as subsequentes não melhoraram em nada. Para Paulo César, se ele respirasse perto de uma garota, ela já poderia engravidar. O pai balançou a cabeça.

— Como você é inocente, meu filho. Nunca diga “desta água não beberei”, Eduardo. Já que você não quer ser tratado como criança, quando for dormir fora, pelo menos avise, não saia como um fugitivo.

Eduardo assentiu. Pôde reparar que o mau humor de Paulo não devia-se apenas a suas aventuras noturnas na casa da namorada. Alguma outra coisa estava aborrecendo seu pai, mas como não fazia ideia do que fosse, limitou-se a tentar não piorar. Apesar de compreender as preocupações dele, achava que, como sempre, ele estava exagerando. Poderia ser novato naquela história toda de sexo, mas sabia o mínimo necessário para fazê-lo com segurança.

Terminou de tomar o café e foi buscar a mochila, depois ficou esperando pelo pai, encostado no carro, como fazia praticamente todos os dias. Olhou para a casa ao lado, especificamente atrás da janela mais à direita, estava dormindo a garota que o tinha feito sair da mesmice de seus dias. Quando olhava para trás dava-se conta do espaço enorme que Mônica havia ocupado em sua vida. Não pensava que tivesse mudado radicalmente. Ele continuava o mesmo garoto obediente e tranquilo de sempre, mas tinha se tornado uma pessoa melhor.

— x —

Quando Mônica chegara ao fim do primeiro semestre na faculdade de medicina, pensou que não iria dar conta. Viu-se com um monte de matéria acumulada para estudar, provas e trabalhos e uma infinidade de coisas que a fizeram ter vontade de largar tudo e ir vender arte na praia — ainda que na sua cidade não tivesse praia. Até ligara para os pais para dizer que sentia muito, mas não iria continuar na universidade.

Sete semestres depois, a história continuava a mesma. Ainda sentia vontade de abandonar o curso quando se via com tanta coisa para estudar. As festinhas, os cinemas com o namorado, as horas que passara dormindo quando deveria estar estudando cobravam um preço alto e tinha que correr para recuperar tudo nos últimos dias do período.

Como sempre, foi uma correria, mas conseguiu sobreviver — e ser aprovada em todas as disciplinas com boas notas. Eduardo também já estava de férias da escola, mas ainda teria a segunda fase do vestibular, por isso os planos de viajarem juntos ainda teriam que esperar algumas semanas. Os pais dele iam para o Rio Grande do Sul e, apesar de não se sentir propriamente animada para passar parte de suas férias com o “seu” Paulo César, estava disposta a fazer esse sacrifício para poder curtir um pouco com o namorado.

Estava certa de que passaria as festas do fim do ano com os pais em Brasília, depois encontraria Eduardo em Gramado. Seus planos, porém, mudaram repentina e drasticamente. Faltava uma semana para o Natal. Camila, Isadora e Bruna já tinham viajado para passar o feriado com as respectivas famílias. Mônica estava arrumando as malas, já que viajaria também no dia seguinte. Eduardo estava deitado em sua cama, lamentando-se da pressão que o pai fazia por causa da faculdade. Ele havia decidido estudar engenharia e não medicina ou direito, como era o desejo dos pais e Paulo César não estava muito feliz com a decisão. Apesar de defender o curso que fazia, Mônica preferia incentivá-lo a optar por algo que gostasse.

— Tudo bem que ele é seu pai, ok, mas você tem que fazer o que quer e não o que ele gosta.

— Eu sei, Momo, mas se eu não passar numa federal, não vai adiantar bater o pé, ele não vai querer pagar uma particular se não for pra eu fazer o que ele acha que é o melhor pra mim.

— Então não se preocupa, porque você vai passar na federal, sim. É impossível um nerd feito você não passar.

— Obrigado pelo incentivo. — Mônica foi até o banheiro juntar as coisas do armário para colocar na mala. Eduardo continuava falando sobre como estava ansioso pela viagem deles, que seria muito legal e tudo o mais; Mônica, porém, havia parado de escutar.

Estava com a portinha do armário aberta, encarando a caixa de anticoncepcionais esquecida lá dentro. Não seria a primeira vez que esquecia de tomar os comprimidos, mas tinha motivos de sobra para ficar em estado de alerta. Buscou na mente o dia que deveria ter menstruado e se deu conta de que estava atrasada. Muito. O que também não era nenhuma novidade, mas novamente, havia um fator importante a considerar.

Não vai acontecer. Obrigou-se a não entrar em pânico por nada e tentou manter a calma, mas quando voltou para o quarto, Eduardo percebeu logo que havia alguma coisa errada.

— Momo, o que aconteceu? Você tá pálida! Vem cá. — Ela mal conseguiu reagir. Deixou que ele pegasse em seu braço e a fizesse sentar. Ele abaixou-se e segurou em suas mãos. — O que foi? — Ela fechou os olhos por um segundo e respirou fundo. *Calma.* O universo não faria aquilo com ela, já tinha passado por muita barra pesada na vida, ela não merecia. Olhou para o garoto aflito ajoelhado aos seus pés e sentiu o coração apertado. Ele também não merecia.

— Olha, ainda não aconteceu nada — tentou falar normalmente, mas sentiu um leve tremor na voz. — Mas você vai precisar correr numa farmácia e comprar um teste de gravidez.

Eduardo engoliu em seco. Dizer que foi como se o chão se abrisse sob seus pés talvez se aproximasse do que ele sentia naquele momento.

— Mo... você... o quê...? — não conseguiu articular nenhuma frase.

— Eu não sei, mas pode ser. — De certo ela não precisava explicar como. Eduardo lembrava-se muito bem que, apesar de ter garantido ao pai que estava tomando todos os cuidados, eles tinham feito sexo algumas vezes sem proteção.

— Você disse que estava tomando o anticoncepcional — não queria, porém não evitou soar acusador.

— Eu estou, estava... Olha só, você quer ir comprar a porcaria do teste ou quer que eu mesma vá? — A tentativa dela de ficar calma começava a falhar. — Por favor...

— Oh, Deus, você não tá brincando, não é? — Havia essa esperança, afinal Mônica tinha um senso de humor estranho. Ela balançou a cabeça. — Ok, tudo bem. Eu vou.

Ainda um pouco desorientado, Eduardo saiu para ir à farmácia. Felizmente havia uma bem perto de casa e ele não gastou nem dez minutos para chegar lá. No entanto, não sabia como agir ou o que procurar. Depois de alguns instantes procurando a esmo pelas prateleiras, teve que pedir ajudar ao balconista. Com sorte ele veria o pedido como alguma pegadinha, uma aposta da galera ou coisas do tipo. Pegou a caixa com as mãos trêmulas e se dirigiu ao caixa para efetuar o pagamento, depois fez o caminho de volta para casa como se carregasse o peso do mundo nos ombros.

Encontrou Mônica sentada no mesmo lugar que a deixara, parecia nem sequer ter se movido.

— Aqui... — disse ao entregar a sacola. Mônica pegou e ficou imóvel, encarando-a. — Você precisa de ajuda...? — Ela ergueu os olhos para ele, como se não o entendesse.

— Não, eu vou... só... — Só queria adiar um pouco. Quando ela finalmente se levantou e caminhou para o banheiro, Eduardo quis acompanhá-la, mas ela rechaçou o gesto. Fazer xixi naquele treco já seria ruim o bastante sem uma pessoa assistindo.

Ele ficou encostado na porta, foi escorregando até se sentar no chão. O tempo que ela ficou lá dentro, quieta, pareceu eterno. Depois, Eduardo a ouviu soluçar.

— Mônica? — chamou, mas ela não respondeu. — Abre a porta, Momo. — Ainda teve que esperar alguns minutos até que ela abrisse a porta. Mônica apenas estirou a mão, entregando para ele o teste. Eduardo olhou para objeto, sem saber bem o que depreender da faixa azul que aparecia nele. Só poderia deduzir o resultado pela reação de Mônica. — Mônica... — Tentou se aproximar, mas ela rechaçou o gesto.

— Eu preciso ficar sozinha.

— Não faz isso, Mônica. Eu não vou deixar você sozinha agora.

Dessa vez, quando ele voltou a se aproximar, Mônica não reagiu. Deixou que a abraçasse, encostou a cabeça no ombro dele e continuou chorando. Eduardo queria, mais

do que tudo, saber o que dizer ou fazer, no entanto, sentia-se tão confuso. E se não caíra no choro também, era a vontade de protegê-la que o sustentava.

— Calma, vai ficar tudo bem. — Beijou-lhe a cabeça. — A gente precisa ter certeza primeiro, não é? — Sua voz ainda tremia um pouco, mas surpreendeu-se com a capacidade de formular um pensamento objetivo. Ela balançou a cabeça. — Depois a gente vê o que acontece.

— Não, não, você não entende, Eduardo, eu não quero ter nenhum bebê. Eu não o terei. — Eduardo engoliu em seco, sentindo um nó na garganta.

É claro que nunca haviam tido aquele tipo de conversa, nem sequer imaginaram que passariam por um momento semelhante àquele.

— Mônica, você não pode... você está nervosa, eu entendo isso, mas... — Ela levantou-se da cama, passou a mão pelos cabelos lilases e tentou conter o choro.

— Não, você não entende nada. É claro que eu tô nervosa! Eu tô, com quase certeza, grávida e isso é a pior coisa que poderia ter acontecido comigo. — Eduardo abriu a boca, mas ela não esperou pelo que ele diria. — Eu não tô cobrando, nem culpando você por nada, eu sei das minhas responsabilidades e deveria ter tomado mais cuidado, afinal, eu sou a pessoa adulta nessa relação. — Não foram as palavras, mas o tom com que foram ditas que o deixou exasperado.

— Para, ok? Eu sei o que você tá tentando fazer, Mônica, mas eu não vou surtar, não vou agir como se não tivesse nada a ver com isso, porque, ao contrário do que todo mundo pensa, eu não sou uma criança deslumbrada com o fato de namorar uma garota mais velha e descolada. Além disso, a gente nem tem certeza ainda que você está grávida, se estiver, é minha responsabilidade também.

— Você não coloca sua própria comida no prato, Eduardo, como pode falar de responsabilidade?

— Por que você tá fazendo isso? — indagou, já incapaz de conter as lágrimas que insistiam em se formar em seus olhos. Mônica o encarou, também de olhos marejados, todavia, não soube como se explicar. A bem da verdade, não achava que devesse alguma explicação.

— Eu quero ficar sozinha.

Ele ficou de boca aberta por uns três segundos, mas depois não teve mais o que dizer. Desde que a conhecera, mantivera uma postura de respeitar a vontade dela, como era, aliás, do seu feitio fazer. Queria, sinceramente, ficar ao lado e oferecer apoio, mas não pretendia impor sua presença. Esperava que quando ela esfriasse a cabeça, voltasse à razão.

— Ok, eu vou te deixar, mas se precisar de alguma coisa, me chama. — Ela assentiu brevemente.

Depois que ficou sozinha, Mônica tentou entender o que havia acontecido com ela, como tinha deixado que algo tão sério fosse acontecer, e o pior, sem que ela nem mesmo percebesse. Era ridículo para uma futura médica agir com tanta negligência num assunto tão importante. Sentia-se como uma garota ingênua que tivera a primeira experiência sexual. Nem mesmo notara os sintomas. Deveria ter percebido que o cansaço excessivo e o enjoo matinal não eram apenas resultado de sua rotina de estudos. Fora idiota e irresponsável e agora teria que tomar uma decisão para a qual não havia volta e que, provavelmente, arruinaria seu relacionamento com Eduardo. Mas não podia ter um filho àquela altura da sua vida, aliás, não pretendia ter filhos em momento algum.

Ficou ainda muito tempo acordada, pensando no que tinha que fazer. Primeiro precisava de um exame de sangue para ter certeza da gravidez. Depois... teria que interrompê-la, e não poderia contar com a ajuda de Eduardo para isso. Aquela ideia era,

afinal, contra os princípios morais e religiosos dele e esse não era o tipo de coisa que uma pessoa mudava da noite para o dia.

Não conseguiu dormir bem. Quando acordou, já era metade da manhã. Terminou de arrumar as malas e chamou um táxi para levá-la ao aeroporto. Não tomou café, pois não sentia fome. Enquanto esperava pelo carro, foi à casa de Eduardo. Foi ele quem abriu a porta e os dois conversaram ali mesmo.

Ele estava com o aspecto cansado e cheio de olheiras, tinha os olhos vermelhos e era claro que não dormira, e provavelmente tinha chorado durante a noite.

— Eu... ahm... vou ao médico lá em Brasília... vou resolver tudo... — Eduardo olhou para os lados, como se para se certificar de que não havia ninguém por perto para ouvir o que ele diria.

— Eu só queria te pedir pra não tomar nenhuma decisão sem falar comigo antes. Não me exclua assim da sua vida, Momo.

— Eu... — Ele pegou as mãos dela e segurou entre as suas.

— Eu te amo e vou ficar do seu lado, pra qualquer decisão que você tomar. — Isso a surpreendeu um pouco.

— Tá, eu vou... eu te ligo e... eu vou falar com os meus pais e... — Viu o táxi parando em frente à sua casa. — Tenho que ir.

— Tudo bem. — Ele a abraçou e sussurrou: — Qualquer coisa. Te amo.

— x —

Mônica esperou até a véspera de Natal para falar com os pais. Marcelo e Bernardo não havia comentado nada ainda, mas percebiam claramente que havia alguma coisa errada com a garota. Desde que a tinham apanhado no aeroporto, ela estava quieta, calada e ainda não tinha reclamado de nada. Não era a Mônica que conheciam.

Receberiam alguns poucos amigos para a ceia de Natal, por isso ela resolveu ter a conversa antes que eles comesçassem a chegar. Era o pior momento para isso, mas, pensando bem, não haveria um que fosse realmente bom. No dia anterior, dissera a eles que iria encontrar uma antiga colega da escola, porém, fora ao médico. Depois de ter a certeza sobre a gravidez, não poderia mais ficar guardando aquilo.

— Quer dizer que você resolveu, finalmente, contar o que está havendo? — Marcelo indagou, sorrindo para a filha. Mônica sentia o coração apertado por se ver obrigada a magoá-los. — Andou brigando com o Eduardo?

— Deixe ela falar, Marcelo — Bernardo repreendeu o marido. A filha decerto tinha um problema, mas era algo mais sério do que uma simples briga com o namorado. — Querida...

— Eu não queria estragar o Natal de vocês — Marcelo quis interrompê-las, mas, novamente, Bernardo o conteve. Mônica abaixou a cabeça; tinha as mãos no colo e as esfregava uma contra a outra. — Eu tô grávida.

Os dois se entreolharam, como se não entendessem ou não soubessem como reagir. Foram segundos que pareceram eternos para Mônica. Marcelo foi o primeiro a falar, e pelo menos dessa vez, Bernardo agradeceu por ele fazê-lo.

— Você já tem certeza? — Ela assentiu. — Ok. Ahm, em primeiro lugar, você não está estragando nosso Natal, Momo — afirmou e buscou a concordância de Bernardo, que balançou a cabeça. — Segundo, como você está se sentindo?

— Não sei. — Foi a resposta mais honesta que conseguiu dar.

— Já contou ao Eduardo? — Ela confirmou com um aceno. — E ele? — Apesar da tensão, Mônica ainda conseguiu dar um risinho irônico.

— O Eduardo tem dezessete anos, pai.

— Bem, ele é o pai, não é? Não importa quantos anos tenha.

— Essa não é a questão.

— Qual é a questão, então, Mônica? — O tom de voz que Marcelo usou foi um que era raro para ele, especialmente quando falava com a filha.

— Marcelo, fica calmo — Bernardo conciliou. — Filha, se o Eduardo não ficar do seu lado, nós ficaremos, você não vai precisar passar por isso sozinha.

— Pai, eu não... não sei se... eu não quero ter esse filho.

A reação deles a deixou confusa. Acreditava que os dois não apenas entenderiam, como poderiam esperar por sua decisão. Seus pais eram defensores ferrenhos da descriminalização do aborto, da liberdade de escolha e tudo isso.

— Você tem certeza disso, Mônica? — Bernardo perguntou. Ela quis dizer que sim, porém, hesitou. — Se essa for a sua vontade e não restar nenhuma dúvida, nós te apoiaremos, como sempre fizemos. Mas... querida, você não deve decidir isso assim, de repente. É um caminho sem volta. Eu sei que é uma grande decisão e uma mudança ainda maior, e você não deve ser obrigada a alterar todos os planos da sua vida por algo inesperado. Nós defendemos, sim, o seu direito de dispor do seu próprio corpo, mas... — Ele fez uma pausa. — Se a sua mãe biológica não tivesse deixado você nascer, nós não teríamos a maior alegria de nossas vidas. Quando o Marcelo e eu fomos morar juntos, nossa única frustração era não poder termos filhos; naquela época, ainda tínhamos receio de tentar adotar, depois você apareceu, nosso milagre, e tornou tudo melhor. — Bernardo segurou a mão do marido e sorriu, docemente. Marcelo assentiu e endossou as palavras dele.

— Nós não queremos interferir na sua decisão, querida. Como o Bernardo já disse, nós estaremos aqui pra te apoiar no que você resolver, mas eu quero que você saiba que um netinho seria muito bem vindo nesta casa.

Mônica sentiu os olhos úmidos. Não precisava daquela dúvida plantada em seu coração, porém não culpava os pais por tentar convencê-la.

— Eu não quero ter que abrir mão da minha vida, da minha carreira... Isso nunca passou pela minha cabeça. Vocês sabem, nem de boneca eu gostava quando era criança. — Sabia que precisava de um argumento mais forte do que isso para se justificar.

— Mônica, não querer ter filhos é diferente de ter medo de tê-los.

— Eu...

— Você precisa esfriar a cabeça e pensar direito no que quer fazer. Nós te educamos pra tomar decisões importantes. — Ele passou a mão nos cabelos da garota. — Você quer cancelar o jantar? Nós podemos ligar e dar alguma desculpa razoável, nossos amigos irão entender.

— Não, não precisa cancelar. Eu posso lidar com isso.

Lidar com o clima de festa, no entanto, não foi nada fácil. Felizmente, os convidados dos pais eram pouco numerosos — consistiam em três casais, um deles também de gays — que mantinham uma conversa animada e aleatória.

Depois da ceia, quando os “adultos” já haviam tomado mais de duas garrafas de vinho e estavam discutindo os rumos da política no país — um dos amigos defendia veementemente o *impeachment* da presidente, o que fazia Bernardo dar umas risadinhas discretas —, ela saiu da sala e foi sentar na varanda. Ficou segurando o telefone por alguns instantes até decidir apertar o número de Eduardo.

— x —

As quatro semanas que Mônica passou em Brasília foram as mais longas da vida de Eduardo. Apesar de ter falado com ela todos os dias, até mais de uma vez por dia, ainda estava com medo de que quando ela voltasse, não o quisesse mais. Além disso, estava muito ansioso para saber o que ela havia resolvido em relação ao bebê. Fora sincero quando disse que a apoiaria independente do que ela decidisse, porém, parte dele

sentia que não deveria haver decisão alguma. Mas o que ele sabia sobre a vida, afinal? Era só um garoto de dezessete anos recém completados à espera do resultado do vestibular.

Foi encontrá-la no aeroporto e o alívio que sentiu ao vê-la de camiseta de *Doctor Who*, tênis e cabelo lilás foi enorme. Se decidisse por levar a gravidez adiante, ela teria que parar de colocar tinta no cabelo por um tempo, pensou Eduardo, considerando, ainda, que aquela seria a menor das mudanças. Tentou não pensar muito nisso e viver aquele reencontro. Tomou-a nos braços, apertando-a contra si.

— Fez boa viagem? — perguntou depois de devolvê-la ao chão.

— Tranquila.

— E como você está? — Mônica respirou fundo.

— A gente precisa conversar — disse e aquela frase que em geral provocava calafrios, foi mais como um bálsamo naquele momento. Se ela queria conversar era porque estava disposta a discutir o assunto.

— Ok. Agora?

— Em casa. — Aquela Mônica calma e equilibrada o agradou bastante e ele voltou a sorrir e beijá-la.

Foram de táxi para casa e Eduardo a deixou descansar da viagem, prometendo que voltaria à noite para a tal conversa. E assim o fez, mas antes de ir, passou na delicatêssem que havia na rua e comprou um pote de sorvete para levar, afinal, flores eram para garotas normais. Mônica agradeceu e pegou logo duas colheres antes de irem se sentar no sofá.

— Sinto muito por ter agido daquela maneira tão fria com você — disse depois da primeira colherada de sorvete.

— Eu entendo, você estava nervosa.

— Isso não é desculpa pra excluir você de... bom, você sabe... então eu acho que está na hora de saber o que você acha.

— Eu vou ficar do seu lado, pro que der e vier...

— Não é isso que eu quero saber, Dudu, eu tô perguntando o que você acha de ter um filho, se você pode lidar com isso, se você quer. — Eduardo engoliu em seco e encolheu os ombros.

— Bom, acho que é a ideia mais apavorante do mundo — foi sincero; pegou outra colherada de sorvete e levou à boca enquanto preparava melhor o que diria a seguir. — Mas eu também acho que é uma vida que tá crescendo, uma vida que surgiu de nós dois, do nosso amor. É um milagre, Mônica.

— O garoto que quer construir robôs falando de milagres — Mônica divagou.

— A gente deveria ter sido mais responsáveis? Sim, claro. A minha maior preocupação hoje é subir de nível no meu jogo preferido, não sei nada sobre ser pai, mas tem coisas que a gente não pode simplesmente desfazer.

Mônica deixou o pote de sorvete em cima da mesinha de centro e foi até o quarto; voltou trazendo uma sacolinha de papel que entregou a Eduardo. Havia pensado muito, talvez não o bastante, mas os conselhos dos pais ajudaram um pouco. Sentia medo, insegurança e uma quase certeza de que se arrependeria no futuro. Poderia dizer que estava indo contra tudo em que sempre acreditara, que agira de maneira adversa ao que lhe seria normal, baseando suas decisões na opinião de outras pessoas — ainda que essas pessoas fossem seus pais e seu namorado.

Por outro lado, talvez estivesse apenas fazendo o que sempre fazia: deixando as coisas acontecerem.

Incentivou Eduardo a abrir a sacola e ele arqueou a sobrancelha, curioso. Rasgou o papel, depois voltou a encará-la, confuso. Ela balançou a cabeça, sorriu e terminou de

desembrulhar o presente. Era uma camiseta branca, com apenas os dizeres “pai do ano” em letras garrafas.

VII

Mônica bateu o pé e rolou os olhos, irritada. Olhou para o relógio e percebeu que estava muito atrasada. Seu humor não melhorou em nada quando ouviu o aposentado Paulo César reclamar dos cabelos compridos do filho. Às vezes ela pensava se o pai de Eduardo não estava caducando ou algo assim, porque era sempre a mesma conversa chata.

— Eduardo, não sei você, mas eu tenho aula dentro de cinco minutos — reclamou, não pela primeira vez no dia. Já tinha acordado mal-humorada devido à noite quase toda em claro.

— Tô indo — ele respondeu, mas continuava com a filha no colo, como se não pretendesse deixá-la. A pequena era o motivo de Mônica ter passado a noite insone. — Qualquer coisa, me liga, mãe — disse a dona Carmen, que assentiu gentilmente.

Mônica resmungou qualquer coisa, e cansada de esperar, foi até ele e praticamente tomou a criança dos braços do pai.

— Pronto, vai com a vovó, tá, amor? — falou com a voz mais carinhosa enquanto entregava a filha a dona Carmen. — Sua mãe cuida dela melhor do que eu ou você, ok? Vamos? — Depois se virou para a mãe de Eduardo. — Qualquer coisa, me liga, dona Carmen. — Ele soltou uma risada e ainda beijou os cabelos da filha antes de sair.

— Depois eu é que sou exagerado.

— Além de mãe, eu sou médica, é mais natural que ela ligue pra mim se alguma coisa mudar.

— Você não é médica ainda, amor, apenas admita que também sofre por deixá-la. Você sabe que eu adoro quando você banca a durona. — Ele a abraçou pela cintura, quase fazendo-a sair do chão. Mônica deu um tapa na mão dele, mas logo deixou-se ser abraçada até chegarem ao carro.

O sedan fora um presente dos pais de Mônica, que achavam que ela não deveria continuar andando de ônibus ou dependendo de carona depois que a filha nasceu. A dona do carro, no entanto, não queria nem pensar em aprender a dirigir e deixava a tarefa ingrata para o namorado, que não se incomodava nem um pouco em ser o motorista dela.

— Então, como nós vamos fazer hoje? Você vai ter aula o dia inteiro? — Mônica assentiu. Como estava no último semestre, e devido à licença maternidade, tinha preenchido todos os horários para conseguir se formar junto com o resto da turma. Era um desgaste muito grande, mas estava conseguindo lidar bem, principalmente porque contava com a ajuda de Eduardo.

Ele estava com quase dezenove anos, mas parecia ter amadurecido muito mais do que isso. As mudanças nele iam além dos cabelos compridos — a despeito das reclamações do pai —, da barba de uma semana no rosto e da carteira de habilitação. Ele tinha demonstrado tanta responsabilidade e a apoiado tanto durante a gravidez e os primeiros meses de vida da filha, que Mônica se surpreendia mais a cada dia.

Eduardo a deixou no hospital universitário, como fazia praticamente todos os dias. Antes de descer do carro, ela deu um beijo de despedida.

— Eu não vou sair tarde, tenho apenas duas aulas. Posso te esperar ou voltar pra te pegar quando você ficar livre.

— Não, pode ir pra casa, passe nos seus pais e leve a Clarinha, eu me arranjo.

— Ok. Te amo.

Eduardo seguiu caminho para sua aula. No entanto, se concentrar nos cálculos tornara-se mais difícil desde que a variável filha havia entrado em sua vida. Clara passara

a noite com febre, deixando-os acordados e preocupados. A febre cedera um pouco, mas a preocupação continuava. Mônica dizia que era normal, que era coisa de bebê mesmo, porém ele não acreditava muito e ver aquela pequena criatura doente era horrível.

Como teve apenas duas aulas, estava desocupado depois do meio-dia. Fez como havia combinado com Mônica, foi buscar Clara na casa dos pais — aproveitou para almoçar por lá —, depois foi para o apartamento onde moravam atualmente.

No começo, Mônica resistira à ideia de morarem juntos, mas com a chegada de uma criança, dividir a casa com as três amigas tornou-se inviável. O apartamento pertencia aos pais de Eduardo, que haviam morado ali nos primeiros anos de casados, antes de terem a primeira filha, e Paulo César nunca se desfizera do imóvel. Não chegara a pensar que seu filho mais novo pudesse ocupá-lo, todavia, foi a solução mais acertada para os dois.

O começo fora difícil, tanto para o casal quanto para as famílias. Os pais de Mônica eram mais tolerantes e demonstraram apoio desde o começo. Com os de Eduardo o processo foi mais lento e demorou um pouco até que Carmen e Paulo se acostumassem com a ideia. O que tinha ajudado muito, Eduardo tinha certeza, fora o nascimento de Clara.

Chegou em casa, deu banho na criança, preparou o mingau e a colocou para dormir o soninho da tarde. Enquanto ela dormia, conseguiu estudar por várias horas e colocar parte da matéria em dias. Quando Mônica chegou, o encontrou ainda estudando, sentado no chão da sala, com os livros em cima da mesinha de centro, enquanto Clara, ao lado dele, estava brincando de montar castelos com as pecinhas e destruí-los logo a seguir. A menina sorriu, mostrando o único dentinho, quando a mãe entrou.

— Meu amorzinho tá melhor?

— Tá, sim — Eduardo respondeu. Mônica queria pegar a filha nos braços, mas resistiu e preferiu ir tomar banho e se trocar antes.

Ele continuou estudando, concentrado, mas depois de uns cinco minutos, sua atenção foi desviada das complicadas fórmulas.

— Papa... papa... — Ele deixou o lápis cair sobre o livro e se virou para a criança, que tentava montar as peças novamente.

— Você falou?

— Papa... papa... papa — continuou, como se respondesse à pergunta dele. O sorriso formou-se fácil nos lábios dele.

— Mônica, vem cá, corre aqui! Momo! — gritou, entusiasmado. Sua felicidade não era apenas por ver a filha falar pela primeira vez, era principalmente porque esperavam já há algum tempo por aquele momento e Clara estava demorando a começar a falar. Mônica chegara a temer que ela tivesse algum problema.

— Meu Deus do céu, o que aconteceu? — Ela entrou na sala aflita, só de toalha.

— Ela falou.

— O quê?

— Fala pra mamãe ouvir, Clarinha. Hum, fala, amorzinho. — Mas tudo que conseguiu dessa vez foi um sorriso de bebê. — Fala papai, por favor.

— Acho que você imaginou — Mônica ponderou e caminhou em direção ao quarto, mas antes que fosse, Clara voltou a falar.

— Papa, papa, papa...

— Você tá mesmo falando!

Ela foi pegar o celular para filmar e enviar aos pais as primeiras palavras de Clara, depois os dois ainda ficaram muito tempo bancando os pais corujas.

Tudo aquilo era diferente do que ambos tinham planejado para suas vidas. Se alguém tivesse dito ao garoto que passava suas noites ocupado jogando videogame ou

fazendo maratonas de séries que ele seria pai, Eduardo teria rido da ideia. No entanto, já não conseguia imaginar sua vida sem aquelas duas garotas.

Ele e Mônica eram felizes. Tinham altos e baixos. Às vezes ela o deixava louco com aquela teimosia tão peculiar. Já haviam enfrentado vários desafios e sabiam que ainda teriam mais. Tinha aqueles momentos que o amor não era o bastante e ambos precisavam ceder em algum ponto. Mas abrir mão de algo por Mônica tinha se tornado uma coisa que ele fazia com prazer até. Sabia que ela mudara toda sua vida. Mônica o transformara, fizera dele um ser humano melhor, e não era exagero dizer que ela era a razão por que acordava todos os dias. Poderia parecer insano, mas também parecia correto. *E quem irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?*